

INTRODUÇÃO À CONSTELAÇÕES FAMILIARES

SUMÁRIO

3-Constelações Familiares

5-Psicodejrama

6-Constelação Familiar – Bert Hellinger

9-Terapia Sistêmica

12-Ordens Implícitas e Explícitas

14-0s Campos Mórlicos

15-Genealogia

25-Constelação Familiar

26-Auto-Conhecimento

29-Conhecimentos da Constelação Familiar

35-Pensamentos Orientadores

Referências bibliográficas

Wikipedia // Nichols, 2007 // Bowen, 1976 // David Bohm - Teoria Quântica // Jopling, David A.2000 // Bert Hellinger // Constelações Familiares e o Caminho da Cura – Stephan Hausner // Bert Hellinger // web artigos

INTRODUÇÃO À CONSTELAÇÕES FAMILIARES

A Constelação Familiar é uma terapia fenomenológica, ou seja, trabalha com os elementos que nos são apresentados durante o trabalho terapêutico. Não há teorias e não busca-se solucionar nada e nem curar ninguém. O grande trabalho do terapeuta sistêmico é ser um observador imparcial e, ao mesmo tempo, amoroso, da dinâmica que está ocorrendo, onde busca-se descobrir os pontos de exclusão que existe no sistema do cliente.

Constelação Familiar é uma abordagem recente, fenomenológica, sistêmica, não empirista ou subjetiva, desenvolvida pelo filósofo alemão Bert Hellinger.

Introdução e Desenvolvimento do método: Bert Hellinger desenvolveu seu método, a partir de observações empíricas, como missionário católico na África do Sul. Estudou, a partir de então, psicanálise e diversas formas de psicoterapia familiar, os padrões de comportamento que se repetem nas famílias e grupos familiares ao longo de gerações.

Hellinger se deparou com um fenômeno descortinado pela psicoterapeuta americana Virginia Satir nos anos 70, quando esta trabalhava com o seu método das “esculturas familiares”: que uma pessoa estranha, convocada a representar um membro da família, passa a se sentir exatamente como a pessoa a qual representa, às vezes reproduzindo, de forma exata, sintomas físicos da pessoa a qual representa, mesmo sem saber nada a respeito dela.

Esse fenômeno, ainda muito pouco compreendido e explicado, já havia sido descrito anteriormente por Levy Moreno, criador do psicodrama.

Algumas hipóteses têm sido levantadas também utilizando-se da teoria de evolução dos "campos morfogenéticos", formulada pelo biólogo britânico Rupert Sheldrake e apoiando-se em conceitos da Física Quântica como, por exemplo, a não localidade.

De posse de detalhadas observações sobre tal fenômeno, Hellinger adquiriu experiência e, baseado ainda na técnica descrita por Eric Berne e aprimorada por sua seguidora Fanita English de “análise de histórias”, descobriu que muitos problemas, dificuldades e mesmo doenças de seus clientes estavam ligados a destinos de membros anteriores de seu grupo familiar.

Hellinger descobriu alguns pontos esclarecedores sobre a dinâmica da sensação de “consciência leve” e “consciência pesada”, e propôs uma “consciência de clã” (por ele também chamada de “alma”-- no sentido de algo que dá movimento, que “anima”), que se norteia por “ordens” arcaicas simples, que ele denominou de “ordens do amor”, e demonstrou a forma como essa consciência nos enreda inconscientemente na repetição do destino de outros membros do grupo familiar.

Essas ordens do amor referem-se a três princípios norteadores:

- 1 - a necessidade de pertencer ao grupo ou clã.
- 2 - a necessidade de hierarquia dentro do grupo ou clã.

3 - a necessidade de equilíbrio entre o dar e o receber nos relacionamentos.

As ordens do amor são forças dinâmicas e articuladas que atuam em nossas famílias ou relacionamentos íntimos. Percebemos a desordem dessas forças sob a forma de sofrimento e doença. Em contrapartida, percebemos seu fluxo harmonioso como uma sensação de estar bem no mundo.

A “constelação familiar” consiste em uma vivência na qual um cliente apresenta um tema de trabalho e, em seguida, o terapeuta solicita informações factuais sobre a vida de membros de sua família, como mortes precoces, suicídios, assassinatos, doenças graves, casamentos anteriores, número de filhos ou irmãos.

Com base nessas informações, solicita-se ao cliente que escolha entre outros membros do grupo, de preferência estranhos a sua história, alguns para representar membros do grupo familiar ou ele mesmo. Esses representantes são dispostos no espaço de trabalho de forma a representar como o cliente sente que se apresentam as relações entre tais membros. Em seguida, guiado pelas reações desses representantes, pelo conhecimento das “ordens do amor” e pela sua conexão com o sistema familiar do cliente, o terapeuta conduz, quando possível, os representantes até uma imagem de solução onde todos os representantes tenham um lugar e se sintam bem dentro do sistema familiar.

Nos anos de 2003 a 2005, Hellinger apurou sua forma de trabalho para um desenvolvimento ainda mais abrangente, que ele denominou de “movimentos da alma”. Estes abrangem contextos mais amplos do que o grupo familiar, tais como o grupo étnico. Descobriu e descreveu ainda os efeitos das intervenções (chamados de “ajuda”) e os princípios que efetivamente norteiam a ajuda efetiva, criando assim também as chamadas “ordens da ajuda”.

A abordagem apresenta uma vasta gama de aplicações práticas devido aos seus efeitos esclarecedores no campo das relações humanas, como:

melhoria das relações familiares.

melhoria das relações interpessoais nas empresas.

melhoria das relações no ambiente educacional.

Tais aplicações deram início a abordagens derivadas, denominadas de constelações familiares, constelações organizacionais e pedagogia sistêmica.

Em 2018, no Brasil, o Ministério da Saúde, incluiu a sua prática no Sistema Único de Saúde (SUS), como parte da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).

O Brasil é o pioneiro no uso das Constelações Familiares pelo Judiciário, trabalho que se iniciou com o Juiz Sami Storch. Este uso está se expandindo rapidamente e já abrange 16 estados Brasileiros. Os dados do judiciário mostram que o uso da Constelação Familiar aumentou significativamente os índices de conciliação em processos judiciais de guarda de crianças,

alienação parental, inventários e pensão alimentícia. No judiciário, a intenção não é fazer terapia, mas a conciliação. Mas uma porta se abre, caso a pessoa deseje ir mais fundo na sua questão e buscar ajuda terapêutica.

Distinguem-se, no desenvolvimento da ação psicodramática, três momentos que possuem, cada um, uma importância singular.

A primeira fase, aquecimento, é quando o grupo se prepara. Os participantes desenvolvem um tema. Aflora um protagonista grupal;

Dá-se início a um segundo momento ou fase, que é a dramatização propriamente dita, a cena dramática. Aqui, ganham, importância, os ego-auxiliares, que serão os encarregados de encenar os personagens, contracenando, com o protagonista, os personagens reais ou fantasiosos, aspectos do paciente, símbolos do seu mundo;

O terceiro momento ou fase é o compartilhamento, é o retorno do protagonista ao grupo, momento em que o grupo compartilha seus sentimentos e vivências, tudo o que lhes foi acontecendo durante a cena, as ressonâncias que ela produziu.

As diversas técnicas dramáticas utilizadas durante a representação foram pensadas por Moreno em relação com sua Teoria do Desenvolvimento dos Papéis. Cada uma delas cumpre uma função que corresponde também a uma etapa do desenvolvimento psíquico. O diretor do Psicodrama instrumentará, em cada situação, as técnicas que lhe pareçam mais adequadas e correspondentes ao momento do drama, segundo o tipo de vinculação que nele se expressa.

A primeira etapa, em que há a indiferenciação do Eu e do Tu, corresponde à técnica do duplo. A segunda, do Reconhecimento do Eu, à técnica do espelho. A terceira etapa, do Reconhecimento do Tu, à técnica da inversão de papéis.

Mediante a técnica do duplo, um ego-auxiliar desempenha o papel do protagonista, no palco, ao lado dele. Verbal e gestualmente complementa aquilo que, a partir desse desempenho, intui que o protagonista não pode expressar completamente, ou que não se dá conta de que está expressando. Podemos considerar a semelhança desta técnica com a mãe junto ao bebê, a qual tenta apreender a necessidade dele para atendê-lo.

Na técnica do espelho, o protagonista sai do palco e assume a posição de platéia na representação que um ego-auxiliar faz dele. Busca-se, com isso, que o paciente se reconheça em determinada representação, assim como na sua infância reconheceu sua imagem no espelho. Proporciona visão de si próprio sob a ótica do outro, agindo como fator de percepção de sua identidade.

Já na técnica da inversão de papéis, o protagonista inverte papéis com os personagens do enredo psicodramático, contracenando com os egos-auxiliares que tomam seu próprio papel. É a técnica mais importante no Psicodrama, pois é a que investiga e desenvolve a possibilidade de estar em relação, privilegiando a percepção do protagonista (e, secundariamente, do grupo) dos significados afetivos e simbólicos que este tem para o outro e, reciprocamente, o outro tem para

este. Para Jacob Levy Moreno, a relação pode atingir tal grau de intimidade que levaria ao estado existencial do "Encontro".

CONSTELAÇÃO FAMILIAR - BERT HELLINGER

Nascido na Alemanha em 1925, Hellinger formou-se em Filosofia, Teologia e Pedagogia. Como sacerdote católico viveu e trabalhou durante 16 anos como missionário na África do Sul, junto a comunidade dos Zulus. Após deixar a ordem religiosa, dedicou-se a uma formação terapêutica diversificada que abrange desde a psicanálise até a terapia familiar, incluindo a terapia primal, a terapia da gestalt, a análise transacional e a hipnoterapia. Sua contribuição mais original é o seu modelo de Constelações Familiares, baseado numa visão integral e profunda da realidade humana. A partir das constelações familiares, ampliou seu método de trabalho para outros sistemas, assim como as constelações empresariais, constelações organizacionais, constelações educacionais, os conflitos étnicos, etc. O conjunto de todos os tipos de constelações advindas do modelo criado por Bert, passou a ser chamado de Constelações Sistêmicas.

Esta terapia impressiona por sua ação no nível anímico, isto é, na cura da alma, e por sua dinâmica extraordinária, em que agentes “representam” personagens familiares, “representam” profissões, “representam” empresas, “representam” imóveis, “representam” sintomas e doenças, e assim por diante.

Isto ocorre porque forma-se um campo quântico no qual a telepatia atua como resultado da interconexão entre os níveis energéticos das mentes humanas. Atualmente é uma das terapias que mais mobilizam pessoas em todo o mundo. Bert Hellinger é um terapeuta internacionalmente conhecido, trabalhando em diversos países. Seus livros, vários deles retratando workshops centrados em vários temas – relacionamentos, pessoas com câncer, etc. – são best-sellers e impactam àqueles que os lêem.

A história de nossa família nos pertence. Estamos a ela vinculados, ela é uma parte de nós e marca a nossa personalidade, com todas as forças e fraquezas que temos.

A Constelação visa, de forma prática e vivencial, dissolver antigos padrões (conflitos e doenças que se repetem) familiares que de alguma forma impedem o livre fluxo de amor entre os membros de um sistema.

Ela atua de forma direta nas questões do sistema familiar, abrindo espaço para uma nova compreensão e cura desses padrões. A solução torna-se possível quando a ordem básica sistêmica é restabelecida, os familiares excluídos voltam a ser respeitados e aceitamos a nossa herança familiar.

A Constelação Familiar pode ajudar em todos os problemas de origem sistêmica. Então, desde problemas de relacionamento de casal, com filhos, todos os tipos de vícios, problemas emocionais, dificuldades diversas, até problemas de saúde física podem ser compreendidos, amenizados e muitas vezes solucionados com a ajuda da Constelação Familiar e com a disponibilidade do cliente realizar mudanças em sua vida prática, a partir das novas informações a que teve acesso na Constelação.

Fazer uma Constelação Familiar significa, de um modo simples, encontrar soluções para problemas específicos que você está vivendo, ou mesmo, buscar a origem de uma doença de algum membro da família. Desde questões emocionais a acontecimentos trágicos no seio familiar, as Constelações revelam e buscam soluções práticas e simples, trazendo à tona aquilo que é essencial no momento e que muitas vezes foi esquecido ou renegado.

Hellinger escreveu vários livros sobre as constelações familiares, dentre os traduzidos para o português, estão:

A Fonte Não Precisa Perguntar pelo Caminho pela Editora Atman

A Simetria Oculta do Amor pela Editora Cultrix

A Paz Começa na Alma pela Editora Atman

Amor a Segunda Vista pela Editora Atman

Conflito e paz: uma resposta pela Editora Cultrix

Desatando os laços do destino pela Editora Cultrix

Liberados Somos Concluídos pela Editora Atman

No centro sentimos leveza pela Editora Cultrix

O Essencial É Simples pela Editora Atman

Ordens da Ajuda pela Editora Atman

Ordens do amor pela Editora Cultrix

Para que o Amor de Certo pela Editora Cultrix

Pensamentos a Caminho pela Editora Atman

Religião, Psicoterapia e Aconselhamento Espiritual pela Editora Cultrix

Um Lugar para os Excluídos pela Editora Atman

IMPORTANTES ORDENS E PRINCÍPIOS

Cada membro de uma família pertence a ela igualmente. Cada família tem um vínculo interno muito forte, a despeito do quão desunida ela pareça quando olhamos de fora. Todos os membros de uma família merecem atenção. Se alguém é expulso, ele será representado por um membro que nascer mais tarde, o qual irá impor a si mesmo um destino similar.

A morte precoce de um membro da família tem um forte efeito sobre todo o sistema. Uma inclinação para morrer advém nos irmãos do morto, devido a suas conexões com ele. Isto é expresso através da frase “ Eu seguirei você”.

Se alguém carrega algo assim e mais tarde tem filhos, estes percebem isto e tentam aliviar os pais. Isto é expresso pela frase “Melhor eu do que você”. Esta inclinação para a morte se mostra através da doença e de comportamentos perigosos (esportes radicais, uso de drogas).

Crianças tomam sentimentos de outros membros da família. Isto ocorre de dois modos: ou elas compartilham fortes sentimentos de outros membros da família (elas ajudam a carregar estes sentimentos por assim dizer), ou elas tomam para si sentimentos não expressos.

Por exemplo, uma avó submissa é abusada fisicamente por seu marido. Ela tem então uma neta que por sua vez fica enraivecida com seu marido por nenhuma razão aparente. Na constelação familiar torna-se claro que a neta carrega a raiva de sua avó.

As crianças são leais aos seus pais (pai e mãe).

As crianças quase sempre lidam com seu próprio destino de modo a impedir que elas mesmas tenham um destino melhor que o de seus pais. Devido a esta lealdade elas tendem a repetir o destino destes pais e seus infortúnios.

Há uma ordem na família que precisa ser respeitada. A pessoa que vem primeiro, seja um irmão ou um parceiro, toma o primeiro lugar.

Os outros seguem esta ordem cronológica. Estes lugares precisam ser respeitados sem julgamento ou valorização, apenas percebidos como são.

Há uma organização espacial básica que é preferível. Há uma ordem básica na qual todos os membros de uma família se sentem bem, desde que se garanta que todas as conexões negativas tenham sido resolvidas.

Nesta ordem os pais ficam à frente de seus filhos com o pai ficando no primeiro lugar e a mãe seguindo no sentido horário a ele (quando olhamos de cima).

As crianças devem ficar olhando seus pais seguindo o sentido horário de acordo com sua ordem cronológica do mais velho para o mais novo.

TERAPIA SISTÊMICA

A terapia sistêmica está focada na análise das relações interpessoais que envolvem as pessoas. Do ponto de vista teórico, o paradigma sistêmico surgiu na década de 1950 e seu principal propulsor foi o cientista Gregory Bateson, que propôs a necessidade de compreender a realidade de cada indivíduo a partir de vínculos com seu contexto social mais direto.

Os especialistas desta abordagem terapêutica buscam padrões de comunicação que afetam negativamente um coletivo (por exemplo, uma família) e através da terapia corrigem esses padrões para que o paciente deixe de ter os sintomas que lhe provocam angústia ou sofrimento.

As terapias sistêmicas têm suas raízes na terapia familiar. Hoje em dia não é necessária uma família como foco de atenção para que o olhar seja sistêmico. Nessa perspectiva, o que importa é a relação, ou seja, o processo de interação entre as pessoas, e não tanto a observação do indivíduo isolado.

Foi o biólogo e filósofo austríaco Ludwig von Bertalanffy que formulou a Teoria Geral dos Sistemas em 1968. Ele utilizou o conceito de sistema como “um complexo de elementos em interação” para, mais tarde, aplicá-lo no âmbito terapêutico até se transformar no modelo predominante nos estudos de família e relacionamentos.

O ponto de junção das diversas abordagens é o conceito de sistema, a partir do qual se deduz que o todo é maior que a soma das partes. O que quer dizer que a partir da abordagem sistêmica dá-se ênfase às propriedades do todo que resulta da interação dos diferentes elementos do sistema. Se traduzirmos, em termos gerais, isso significa que o que importa é a relação que surge da interação entre as pessoas.

Uma das teorias mais interessantes que surgiu a partir das pesquisas foi a teoria do vínculo duplo. Essa teoria explica como a contradição entre duas ou mais mensagens pode induzir ao delírio para fugir da realidade, já que a contradição implica receber ordens simultâneas impossíveis de cumprir, pois a realização de uma implica desobedecer a outra. Um exemplo pode ser a expressão “te amo” para uma filha de sua mãe, que a nível gestual transmite rejeição.

Paralelamente, em 1962, Jackson e Ackerman fundaram a revista Family Process e Bertalanffy formulou a Teoria Geral de Sistemas, sendo esta última a teoria que desenvolve uma série de fatores comuns a todas as terapias sistêmicas.

A Terapia Familiar Sistêmica ou Constelação Familiar foi criada há aproximadamente 40 anos na Alemanha, pelo filósofo e psicoterapeuta Bert Hellinger.

Após 20 anos de estudos dedicados a psicanálise humana, Hellinger desenvolveu o método que é conhecido por tratar de problemas internos emocionais, com representações simbólicas, a fim de expandir a consciência para conflitos da vida real.

As sessões podem ser individuais ou em grupo, porém, quando em grupo o trabalho é mais profundo. Nesse caso, o paciente tem a ajuda de outros integrantes, onde os conflitos em questão estarão sendo representados de forma teatral, colocando todos os medos e soluções cara a cara com a pessoa que busca uma resolução.

A terapia sistêmica faz com que as pessoas olhem para o mundo de uma maneira diferente, criando um pensamento sistêmico, onde o todo é o mais importante. Pensar sistematicamente é pensar em todas as coisas conectadas, na interdependência dos fatores. Quando entendemos que todos fazemos parte de uma teia, de uma rede de conexões, entendemos que dependemos de tudo o que temos a nossa volta para sermos quem somos.

O pensamento sistêmico nos faz entender que o todo é considerado maior que a soma de suas partes e que uma mudança qualquer em uma das partes, afeta o sistema como um todo.

Compreendendo o que é o contexto, podemos dizer que a abordagem sistêmica é uma maneira de abordar, de ver, de situar, de pensar um problema em relação ao seu contexto.

Abordar quer dizer chegar-se, aproximar-se. Abordar um problema é chegar até ele, aproximar-se dele. É também adquirir intimidade com o problema, penetrar nele, estudá-lo minuciosamente, nos seus mínimos detalhes e interligações com o contexto.

A abordagem sistêmica nos ensina perceber a pessoa humana na sua "relação com" a família, a sociedade, com seus valores e crenças.

O pensamento sistêmico possibilita:

- Levar em consideração múltiplos focos, aspectos, variáveis e relações;
- Buscar várias soluções combinadas para resolver um problema e aprender algo com a situação;
- Gerar várias interpretações, sem necessariamente fazer julgamentos apressados;
- Buscar por alternativas que não haviam sido consideradas antes;
- Analisar todas as consequências que podem surgir com uma decisão;
- Ser capaz de projetar um horizonte mais realista;
- Desenvolver a habilidade de observação;
- Permitir que sejamos sempre aprendizes, independentemente da situação ser semelhante a outras já vividas.

A Terapia familiar, muitas vezes associada à sua variante de terapia de casal, e conhecida como terapia familiar sistêmica — devido à sua origem no seio do Modelo Sistêmico —, é um tipo de terapia que se aplica a casais ou famílias, onde os membros possuem algum nível de relacionamento. A terapia familiar sistêmica tende a compreender os problemas em termos de sistemas de interação entre os membros de uma família. Desse modo, os relacionamentos familiares são considerados como um fator determinante para a saúde mental e os problemas

familiares são vistos mais como um resultado das interações sistêmicas, do que como uma característica particular de um indivíduo.

Os terapeutas familiares costumam orientar o seu foco de intervenção mais para o modo como os padrões de interação sustentam um problema, do que propriamente para a identificação das suas causalidades. Considera-se que a família como um todo é maior do que a soma das partes.

Teve como criadora e maior expoente, a terapeuta norte-americana, Virgínia Satir. Ela, juntamente com Fritz Perls e Milton Erickson, tiveram seus atendimentos gravados com microcâmeras e posteriormente suas estratégias terapêuticas, padrões de interação minuciosamente estudados por Richard Bandler e John Grinder, até que os dois pudessem decifrar suas hábeis estruturas.

Desta forma, o modelo sistêmico se tornou uma das bases filosóficas do que viria a se tornar a Programação Psicanalítica.

A lente conceitual de Bowen era mais ampla do que a da maioria dos terapeutas familiares, mas sua unidade real de tratamento, mas limitada. Sua preocupação era sempre com o sistema familiar multigeracional, mesmo que ele habitualmente atendesse indivíduos ou casais. Desde que introduza a hipótese trigeracional da esquizofrenia, estava ciente de como triângulos interligados conectam uma geração com a seguinte, como fios tramados em um tecido familiar total. Embora os terapeutas bowenianos sejam únicos ao mandar pacientes para casa, a fim de consertarem seus relacionamentos com os pais, a ideia de conexões intergeracionais tem sido muito influente no campo.

Segundo Bowen (1976), o maior problema nas famílias é a fusão emocional, e o principal objetivo, a diferenciação. A fusão emocional surge de uma necessidade de proximidade. Algumas pessoas manifestam a fusão diretamente, como uma necessidade de proximidade, outras a mascaram com uma fachada de pseudoindependência. A pessoa com um self diferenciado não precisa se isolar, mas pode permanecer em contato com os outros e manter sua integridade. Da mesma forma, a família sadia é aquela que mantém um contato emocional de uma geração para outra.

Na teoria boweniana, o triângulo é a unidade universal de análise em princípio e na prática. Como Freud, Bowen enfatiza importância crucial das relações familiares iniciais. O relacionamento entre o self e os pais é descrito como um triângulo e considerado o mais importante da vida. O entendimento de Bowen dos triângulos é uma de suas contribuições mais importantes e uma das ideias seminais na terapia familiar.

Para Bowen, a terapia era uma extensão lógica da teoria. Antes de podermos fazer incursões significativas em problemas familiares, precisamos compreender como o sistema familiar funciona. A cura é voltar para trás, visitar nossos pais, avós, tias e tios, e aprender a nos relacionarmos com eles.

A teoria de Bowen defende o equilíbrio entre a proximidade e a independência, mas a prática tem um caráter distintamente intelectual. Bowen via a ansiedade como uma ameaça ao equilíbrio psíquico, e, conseqüentemente, sua abordagem de tratamento muitas vezes parece desapaixonada. Ele afastava-se do calor das confusões familiares para contemplar a história dos relacionamentos da família. Como quando saímos do campo de jogo para as arquibancadas, os padrões se tornam mais visíveis, mas pode ser mais difícil ter um impacto imediato. O modelo de Bowen tira o foco dos sintomas em favor da dinâmica sistêmica. O tratamento desestimula o terapeuta a tentar consertar os relacionamentos e, ao invés, encorajar os clientes a começar um esforço vitalício de autodescoberta. No entanto, isso não é mera questão de introspecção, e sim de realmente fazer contato com a família. Os clientes são equipados para essa jornada com ferramentas para entender seus próprios padrões de apego e evitação emocional.

No tratamento de casais, cada cônjuge responde a uma série de perguntas de processo destinadas a atenuar a emoção e estimular a observação objetiva. Algum esforço é feito para desacelerar o cônjuge mais funcional e ornar seguro para o cônjuge disfuncional mais distante se abrir e se envolver. Essa mesma técnica pode ser usada com famílias centradas na criança. O terapeuta coloca-se no ponto de um triângulo potencial com a criança sintomática e cada progenitor, assim como entre os pais.

ORDENS IMPLÍCITAS E EXPLÍCITAS

Para David Bohm, o holomovimento é a natureza básica da realidade: um processo dinâmico da totalidade (holos, gr.), "uma única e inquebrantável integridade em movimento de fluxo". Tudo está ligado a tudo e em fluxo dinâmico, cada parte do fluxo, dentro desta estrutura holográfica, contém o fluxo como um todo. O fluxo em si está em constante mudança processual.

Bohm desenvolveu esta teoria a partir de sua reinterpretação da física quântica.

À Ordem Explícita, ou o que chamamos realidade do mundo fenomênico, subjaz uma Ordem Implícita, ou ordenação sob o aparente caos. O que parece casual pode ser expressão de uma ordem subjacente, oculta, cuja apreensão depende da rede epistemológica do observador.

A Ordem Implícita não é destruída ao se expressar como Ordem Explícita, podendo a manifestação ser revertida de explícita a implícita. O relacionamento entre estas duas ordens é, no entanto, complexo. Numa analogia, pode-se dizer que a Ordem Explícita é o universo espaço-temporal em que vivemos, e a Ordem Implícita o universo do não-manifestado.

Para Bohm, a ordem primária fundamental é a implícita, sendo a ordem explícita semelhante a ondulações passageiras na superfície da implícita.

A ordem implícita e explícita é uma teoria que convida a entender o universo com o um todo indivisível que flui. Considera o processo, fluxo e mudança como fundamentais, argumentando que o estado do universo num determinado momento reflete uma realidade mais básica como o mundo tridimensional dos objetos, a relação espaço-tempo... Neste nível, embora a matéria possa ser descrita em si mesma, isso não é o necessário para defini-la com clareza. A esta realidade David Bohm chama de Ordem Implícita ou Encoberta.

A Ordem Explícita ou Exposta se refere ao que se manifesta no mundo à nossa volta. Bohm defende que o mundo empírico realiza e expressa potencialidades existente dentro da ordem implícita. Bohm também indica que as Ordens Implícitas nos levam ao nível mais profundo de estudo e análise abordando aspectos de nossa experiência física, psicológica e espiritual.

Um clássico exemplo para o entendimento desta teoria é o do redemoinho. Embora ele possua uma forma relativamente constante, ele só existe no movimento do rio, ou seja, ele será a ordem explícita dentro da ordem implícita de acordo com um processo coerente de transformação.

Esta teoria sugere que, para que tenhamos um entendimento mais amplo dos segredos do universo, devemos compreender os processos geradores que ligam as ordens implícitas e explícitas.

Para Bohm, o "espaço vazio" é parte desse todo que é fluxo incessante. Não é vácuo, mas espaço e matéria estão intimamente ligados. Efetuou cálculos matemáticos demonstrando a ontologia do "espaço vazio": cada centímetro quadrado deste contém mais energia potencial do que toda a energia que está manifestada no universo.

Físico norte-americano, David Bohm foi aluno de J. Robert Oppenheimer e durante a Segunda Guerra estudou os efeitos do plasma nos campos magnéticos, trabalhou no desenvolvimento da bomba atômica. Foi colega de trabalho de Einstein, na Universidade de Princeton. As suas contribuições para a física, principalmente na área da mecânica quântica e da teoria da relatividade, foram significativas. Ainda como estudante de pós-graduação em Berkeley, chegou a uma teoria que desempenha um papel importante nos estudos da fusão – fenômeno hoje conhecido como “difusão de Bohm”. O seu primeiro livro, Teoria quântica, foi publicado em 1951, e considerado por Einstein a exposição mais clara que ele já havia visto sobre o assunto.

As visões científica e filosófica de Bohm são inseparáveis. Em 1959, lendo um livro do filósofo indiano Krishnamurti, constatou o quanto as suas idéias sobre mecânica quântica se fundiam com as idéias filosóficas de Krishnamurti. Juntos, promoveram palestras e debates sobre assuntos importantes e que depois foram publicados em livros. No seu livro Totalidade e Ordem Implícita, de 1980, trouxe a teoria sobre as variáveis ocultas e a interpretação superficial da mecânica

quântica, propondo que uma ordem oculta atua sob aparente caos e falta de continuidade das partículas individuais de matéria descritas pela mecânica quântica.

OS CAMPOS MÓRFICOS

Rupert Sheldrake é um biólogo, bioquímico, parapsicólogo, escritor e palestrante inglês; mais conhecido por sua teoria da morfogênese. Pesquisador em bioquímica e fisiologia vegetal, descobriu junto com Philip Rubery, o mecanismo de transporte da auxina. Participou, na Índia, do desenvolvimento de técnicas de cultivo no semi-árido hoje usadas amplamente.

De volta à Grã-Bretanha, tem-se dedicado a escrever, dar palestras e pesquisar um modelo de desenvolvimento teleológico, do qual faz parte a teoria dos campos morfogenéticos. Entre seus livros estão O renascimento da natureza, Cães sabem quando seus donos estão chegando e A sensação de estar sendo observado.

Ligou-se, como pesquisador, ao Institute of Noetic Sciences, dos Estados Unidos (Califórnia).

Nascido em Newark-on-Trent, na Inglaterra, Sheldrake estudou em uma escola anglicana, e foi estimulado no seu interesse por plantas e animais por seu pai, um naturalista e microscopista amador. Recebeu uma bolsa para estudar Ciências Naturais no Clare College (Cambridge), onde se graduou com distinção e recebeu o Prêmio Universitário de Botânica.[carece de fontes]

Recebeu então uma bolsa do Frank Knox Memorial Fellowships para estudar filosofia e história da ciência em Harvard, entrando em contato com o recém-publicado A estrutura das revoluções científicas, de Thomas Kuhn.

De volta a Cambridge, obteve seu Ph.D. em bioquímica. Tornou-se professor no Clare College, onde foi diretor de estudos em bioquímica e biologia celular. Como pesquisador da Royal Society estudou o desenvolvimento vegetal e o envelhecimento de células no Departamento de Bioquímica da Cambridge University, tendo descoberto, com Philip Rubery o mecanismo de transporte da auxina (o processo pelo qual esse hormônio é transportado das gemas até as raízes).

Trabalhou em Kuala Lumpur (Malásia) em 1968-69, estudando plantas da floresta tropical. Entre 1974 e 1985 foi consultor em fisiologia vegetal do ICRISAT (International Crops Research Institute for the Semi-Arid Tropics), em Hyderabad, Índia, onde desenvolveu novos sistemas de cultivo, hoje largamente usados.

Na Índia viveu um ano e meio no ashram de Bede Griffiths em Tamil Nadu, onde escreveu seu primeiro livro, A new science of life.[1] É autor de 80 trabalhos científicos e dez livros.

É pesquisador e diretor do Perrott-Warrick Project, administrado pelo Trinity College, Cambridge, que estuda habilidades humanas e animais não explicadas. É também pesquisador do Institute of

Noetic Sciences, perto de San Francisco, EUA e professor visitante e diretor acadêmico do Holistic Thinking Program do Graduate Institute, em Connecticut.

Sheldrake publicou artigos sobre os temas:

Produção de hormônios em plantas

Transporte de auxina em plantas

Diferenciação celular

Envelhecimento e morte de células

Fisiologia de culturas agrícolas

Ressonância mórfica

Efeitos do experimentador sobre o experimento

A sensação de estar sendo observado

Poderes inexplicados dos animais

Telepatia

GENEALOGIA

Genealogia é o mapa das ligações biológicas entre diferentes indivíduos e gerações. Como ciência, é uma auxiliar da história, estudando a origem, evolução e dispersão das famílias e respectivos sobrenomes ou apelidos. Praticada em tempos passados exclusivamente pela elite, e misturando indiscriminadamente lendas e fatos, servia mais ao desejo de afirmar o prestígio das famílias e legitimar suas pretensões ao poder do que à documentação da história e preservação da memória. A partir de fins do século XVII passou a ser investigada de maneira científica, mas manipulações ideológicas persistem até hoje. A genealogia tem associações profundas com uma ampla variedade de políticas e ideologias raciais, sociais, culturais e nacionalistas, e é um elemento fundamental na estruturação, coesão e funcionamento das sociedades. Sua relevância

em múltiplos níveis justifica a vasta bibliografia existente sobre o tema. Na contemporaneidade a pesquisa genealógica se tornou uma atividade extremamente popular, que tem provocado um impacto importante nas formas de entendimento do passado e das origens pela população em geral, fenômeno que tem atraído a atenção dos especialistas pelos problemas que a atividade leiga desencadeia no sentido de uma difusão acrítica da história e de conhecimentos que muitas vezes são falsos ou distorcidos.

A genealogia se ocupa da identificação da ligação biológica entre diferentes indivíduos e da reconstituição da sequência ordenada de gerações dentro de um grupo familiar, buscando determinar as origens, a rede de parentescos e a evolução cronológica da família. Numa perspectiva mais abrangente, onde se associa à prosopografia, à história, às ciências humanas e sociais, procura reconstituir o perfil e a história social, política, econômica e cultural da família e seus integrantes, suas associações com outros grupos e seu papel na sociedade. No âmbito da história a genealogia está centrada no estudo das famílias, dando subsídios para e sendo subsidiada por outras ciências, como a sociologia, a economia, a história da arte, a genética, a medicina ou o direito.

O termo também é empregado em outras áreas de estudo significando a pesquisa das origens, ligações e desdobramentos de determinada ciência, corrente, ideologia, ideia ou tendência, de outros seres vivos, ou mesmo de objetos e invenções, como por exemplo a genealogia da moral, a genealogia da matemática, a genealogia da filosofia de Kant, a genealogia do cão doméstico, a genealogia do violino.

A genealogia é reconstituída através de documentos escritos, como atos legais (certidões, contratos, etc), bibliografia histórica, crônicas, arquivos cívicos e religiosos, correspondência, inscrições, lápides, imprensa, mas também pode se valer de tradições orais e imagens. A genealogia pode ser ascendente, partindo do sujeito presente e retrocedendo pelas gerações antepassadas, ou descendente, partindo do fundador da família e acompanhando a evolução da sua posteridade.

Um dos principais problemas da pesquisa genealógica é assegurar a veracidade das informações transmitidas pelos documentos e tradições. A oralidade em geral é uma fonte pouco confiável, sendo particularmente propensa a distorções e imprecisões, mas a fraude documental também é muito frequente. Além disso, a documentação pode atestar uma filiação oficialmente reconhecida, mas também pode dissimular uma adoção secreta ou o fruto de um adultério. Quando o pesquisador imagina estar seguindo a linha do sangue pode estar seguindo uma linha que é apenas cartorial, e quanto mais se recua no tempo, mais difícil é descobrir se esses desvios ocorreram ou não.[5] Estimativas precisas são impossíveis, mas calcula-se que na população europeia exista uma taxa média de até 4,5% de falsa paternidade.

Determinar a veracidade nem sempre é possível, e por isso a genealogia é uma ciência que tem de lidar com grandes doses de incerteza, mas mesmo quando se sabe que as informações são inverossímeis, elas podem conter elementos verdadeiros e podem apontar para pistas que levem ao descobrimento da verdade. Podem auxiliar a diminuir as dúvidas a comparação entre

documentos diferentes tratando do mesmo tópico, a análise do perfil prosopográfico do grupo familiar, a análise científica da documentação na tentativa de descobrir falsificações, comparação do material genético dos alegados membros da família, etc, o que requer conhecimento especializado e grande experiência. A genealogia a todo momento envolve o trabalho com documentos antigos, às vezes em línguas diferentes ou em dialetos já poucos compreensíveis, ou em caligrafias difíceis, e com expressões de significado sutil ou variável, elementos cuja decifração e interpretação correta estão além do alcance de amadores.

Outro problema relevante é a dificuldade de traçar a genealogia europeia para trás da Idade Moderna, primeiro pela crescente escassez de fontes, e segundo pela inconsistência nas maneiras de denominação das pessoas, que não usavam sobrenomes antes do século XI, antes do século XVI a prática ainda não se generalizara e a inconsistência na onomástica se perpetuaria em certas regiões ainda por séculos. Por muito tempo as pessoas foram denominadas pela sua ocupação, pelo nome do pai, pelo lugar de origem ou por algum apelido, como por exemplo João Ferreiro, Antônio [filho] de Batista, Pedro de Florença ou José o Velho, ou de maneiras arbitrárias. Muitos desses apelativos acabaram se fixando como sobrenomes.

Em outras culturas, porém, como a chinesa, os sobrenomes se fixaram muito mais cedo, mas em muitas outras nunca foram usados. Mesmo depois de estabelecidos, os sobrenomes podem mudar por várias razões, como para evitar perseguições políticas, para ocultar uma origem indigna, por tradições locais, por apadrinhamentos, por erros de registro que se perpetuaram nas gerações sucessivas. A tradição portuguesa, por exemplo, foi muito livre quanto à adoção de sobrenomes, podendo ocorrer vários na mesma célula familiar, e isso se reproduziu no Brasil até a padronização imposta no século XX. Além desses problemas, a existência de muita homonímia frequentemente leva à confusão entre personagens diferentes. Tampouco a posse de um mesmo sobrenome é garantia de consanguinidade.

O interesse pela genealogia não é novo, e na Antiguidade muitas famílias ilustres traçaram genealogias que as associavam a ancestrais de tempos remotos, não raramente incluindo entre eles personagens fictícios como heróis lendários e divindades, incorporados às genealogias para emprestar-lhes prestígio. Enquanto que em tempos passados a genealogia misturava indiscriminadamente mitos e fatos, e era usada antes para afirmar um parentesco do que para demonstrá-lo objetivamente, a partir do século XVIII iniciou um movimento em direção a uma pesquisa de caráter científico, que se tornou a abordagem empregada atualmente nos estudos genealógicos acadêmicos. Como refere a historiadora Sara Trevisan,

"A genealogia era usada para comunicar mensagens políticas e simbólicas e afirmar a continuidade da ideologia, antes do que para estabelecer a verdade histórica. De fato, até o início do século XVII, as genealogias eram geralmente baseadas em tradições que eram mais próximas da história oral do que da história escrita. Essa história escrita, por sua vez, se baseava em fontes citadas evasivamente ou alegadamente perdidas, quando não eram meramente falsificadas, tudo no intuito de ocultar sua origem na tradição oral".

Atualmente a pesquisa da genealogia familiar se tornou uma atividade extremamente popular, sustentada pela disponibilização de uma vasta quantidade de dados através da internet, mas essa popularização acentuou os problemas na área, sendo feita por uma multidão de amadores sem critério e método, usando fontes de baixa ou nula confiabilidade, com o resultado de proliferarem largamente genealogias falsas ou duvidosas. Segundo a pesquisadora Regina Poertner, as buscas genealógicas são atualmente a terceira maior atividade na internet, perdendo apenas para o comércio e para a pornografia. Em 2004, Jerome de Groot, em uma conferência promovida pela International Federation for Public History, chamou a atenção para este fenômeno e considerou que ele representava um desafio para a historiografia estabelecida e para as práticas de história pública, convidando os acadêmicos a estudarem as várias dimensões em que atuam a genealogia e a história familiar, estabelecendo o contexto local, nacional e internacional para as investigações, e as consequências e implicações de tamanha explosão no interesse genealógico contemporâneo para a imaginação cultural, para a história e para o conhecimento. Comentando esse chamado à ação, o professor Paul Knevel considerou que embora os leigos tenham critérios frouxos na construção da genealogia, é importante que os eruditos entendam o que significa para eles essa tentativa de fazer o passado reviver no presente, a importância das implicações afetivas, psicológicas e sociais dessa atividade, e como isso tudo afeta a valoração da história e da ciência pelo público em geral.

A avidez com que hoje as pessoas se aproximam da genealogia, por outro lado, pode torná-las alvos fáceis para empresas e indivíduos inescrupulosos que prometem pesquisas "científicas" mas entregam resultados pouco confiáveis ou inteiramente fantasiosos, ou as exploram de variadas maneiras. Diversos pseudo-pesquisadores se tornaram notórios pelas suas fraudes genealógicas, às vezes cobrando altas somas pelos seus trabalhos, como Charles H. Browning, Orra E. Monnette, Frederick A. Virkus, C. A. Hoppin, Horatio Gates Somersby, Gustave Anjou e John S. Wurts.

A busca pelas origens pode ter várias motivações num mundo que muda rapidamente e onde crescem os sentimentos de distância e desenraizamento e aumentam as dificuldades nos relacionamentos sociais. Pode trazer informações interessantes de um modo geral, pode preservar a memória familiar, pode fortalecer o senso de identidade ou de pertencimento a um grupo, pode criar ligações concretas com parentes antes desconhecidos, ultrapassando barreiras geográficas e culturais, pode proporcionar explicações para aspectos da vida presente e lições úteis para a vida futura, e a percepção da continuidade geracional pode dar um novo sentido à existência e reforçar a auto-estima.

Segundo Eviatar Zerubavel, a objetivação da genealogia também pode proporcionar uma grande distorção na percepção do tempo e uma experiência vicarial da história: "Ser membro de uma linhagem promove um sentido quase interpessoal do passado. Em outras palavras, promove uma maneira quase autobiográfica de vivenciar até mesmo eventos históricos muito distantes", acrescentando que há muitos testemunhos de que conhecer as origens transformou profundamente a visão que as pessoas tinham de si mesmas e de seu lugar no mundo, mas que essa revelação pode ser entusiasmante ou desagradável.

Há outros aspectos relevantes. Elementos genealógicos, reais ou imaginados, são onipresentes em ideologias políticas relativas aos conceitos de raça e etno-nação e em mitos fundadores de culturas, comunidades e nações, e são centrais para a manutenção de sua integridade, identidade e coesão. Os laços biológicos ou familiares são um poderoso estruturador do funcionamento das sociedades, e a identificação do lugar do indivíduo nesta rede é um fator importante na determinação do seu comportamento social e no seu bem-estar psíquico e emocional. A herança pode transmitir bens materiais mas também capitais simbólicos e sociais. Descender dos fundadores da comunidade ou de um personagem ilustre do passado, por exemplo, muitas vezes acrescenta prestígio e poder aos seus descendentes mesmo após muitas gerações, pode abrir muitas portas e ser um fator decisivo na preservação da influência e status da família, bem como pode servir como o cimento agregador de todo um clã e como um centro de confluência e preservação de tradições específicas.

Reversamente, um personagem infamado pode lançar uma sombra duradoura sobre sua descendência e prejudicar seu sucesso social. Não por acaso a manipulação ideológica da genealogia, suprimindo elos indesejados ou acrescentando outros que não existem na realidade, sempre foi uma prática comum desde a Antiguidade. Conhecer a genealogia é uma expansão do conhecimento do grupo familiar imediato, e a ignorância a respeito das raízes mais antigas muitas vezes tem efeitos similares ao desconhecimento dos pais biológicos pelas pessoas que descobrem terem sido adotadas, o que muitas vezes desencadeia sentimentos de confusão, incompletude e abandono, desajuste social e crises de identidade. A criação de fantasias compensatórias é relativamente comum entre indivíduos e grupos sociais cujas raízes foram cortadas, como os escravos negros e os judeus da Diáspora.

Árvore genealógica descendente de Carlos Magno e Hildegarda de Vinzgouw. Pesquisas recentes indicam que Carlos Magno é um dos ancestrais de todas as pessoas vivas que têm sangue europeu, e é um dos casos em que foram descobertos caminhos plausíveis que levam seus antepassados até a Antiguidade.

A pesquisa genealógica popular costuma dar grande importância à descoberta de antepassados nobres, ilustres ou heroicos, e de fato se a pesquisa descobre uma linha que recua por vários séculos ela passa a progredir quase invariavelmente através de famílias nobres, sendo extremamente escassas as informações genealógicas sobreviventes sobre as classes populares no passado distante, mas não parece ter ficado suficientemente claro para o público leigo em geral que todas as pessoas vivas compartilham dos mesmos ancestrais remotos, e que todas tiveram tanto reis como escravos entre seus antepassados. Isso contribui para que as antigas associações da genealogia com o poder, a política e o prestígio, a identificação com uma raça, uma nação ou um clã específicos, se perpetuem no presente, podendo se prestar ao fomento de vaidades, a novos divisionismos, a disputas e ao reforço de preconceitos e mitos, dando base para a repetição de exemplos trágicos de perseguições, expurgos étnico-culturais e exclusão social ocorridos ao longo da história, que carecem de justificação ética e de fundamentação científica. Nas palavras do genealogista Mark Humphrys,

"Nossos ancestrais são, nada mais e nada menos, aquela mistura de gente bruta, idiota, obstinada, intolerante, incompetente, covarde, junto com outros inteligentes e notáveis, que sempre constituiu a sociedade. Existimos porque existiram pessoas que desprezariamos se as encontrássemos pessoalmente. Genealogia é sobretudo descobrir o que elas foram realmente, não importa se foram admiráveis ou não. De fato, é mais divertido quando elas foram assassinas, quando casaram com os piores inimigos de seus pais, quando foram o sórdido resultado de amores fracassados, quando morreram antes de conhecer seus filhos, e assim por diante. Isso nos dá consciência do quão precária é a nossa existência, e do quão misturada e improvável é a nossa herança genética. Qualquer um que acredite que pertence a uma única raça, ou que seus ancestrais foram só 'gente fina', simplesmente não pesquisou o bastante.

"Isso é especialmente verdadeiro quando falamos da nobreza e da realeza, que geralmente são os únicos ancestrais conhecidos quando encontramos uma linha que nos leva ao passado distante. Por que deveríamos admirar um nobre, ou tomar seu partido? A nobreza do passado geralmente não foi senão os ladrões mais bem sucedidos, aqueles que roubavam as terras alheias, e viviam às custas do trabalho dos outros. Eles não eram escolhidos de Deus, foram apenas os sobreviventes de um longo processo de seleção natural entre os grupos mais fortes, agressivos e organizados, ajudados pelos maiores ladrões de todos os tempos: as famílias reais".

A descendência da Antiguidade é um tópico dos estudos genealógicos e prosopográficos que busca estabelecer a ligação entre famílias modernas e as famílias da Antiguidade. Embora seja um fato auto-evidente que todas as pessoas vivas descendem de antepassados que viveram na Antiguidade, a comprovação segura de toda a sequência de gerações para os descendentes de europeus ainda é impossível, havendo uma dramática lacuna de registros entre o fim da Antiguidade e a Idade Média.

O mesmo vale para outras regiões do mundo. Apenas um reduzido grupo de famílias do Oriente parece manter registros ininterruptos relativamente confiáveis até o século III ou IV. Para trás desta época, com o conhecimento disponível hoje, embora algumas vias de ligação com épocas ainda mais antigas permaneçam possíveis ou mesmo sejam prováveis, os elos documentados concretamente ainda estão ausentes.

Um passo fundamental foi dado pelos eruditos do século XIX, que compilaram todos os registros conhecidos até aquela época sobre todos os personagens da Antiguidade Clássica do Ocidente, permitindo a definição da genealogia de muitas famílias da Grécia e da Roma antigas, embora sua ligação com as famílias modernas permanecesse obscura.

Em vista da dificuldade insuperável representada pela documentação ausente ou incerta, na primeira metade do século XX a questão da descendência da Antiguidade se tornou bastante desacreditada entre os especialistas. Contudo, nas últimas décadas ela voltou a receber atenção, especialmente a partir do trabalho de David Kelley A New Consideration of the Carolingians (1947), que foi uma das principais fontes para os influentes ensaios de Anthony Wagner, Pedigree and Progress: Essays in the Genealogical Interpretation of History (1975). Esses estudos revitalizaram o tema, e os progressos posteriores nas áreas

da paleografia, hermenêutica, arqueologia, epigrafia, cronologia, onomástica, prosopografia e outros campos de investigação, trouxeram à luz uma massa de novos dados que tornaram possível estabelecer caminhos bastante plausíveis para ligar as famílias modernas às antigas. Entre os casos promissores estão as linhagens de Carlos Magno, Alfredo o Grande, Ruricius bispo de Limoges e os Bragatiônidas. Apesar da reserva e cautela dos especialistas, circulam livremente na internet e em publicações muitas genealogias sem fundamento documental sólido que remontam a milênios antes de Cristo.

O fator antiguidade tem um grande peso na manipulação genealógica para solidificar variadas pretensões ideológicas. A legitimidade política e sociocultural da Casa Imperial do Japão reside na crença de que descendem de Jimmu, o primeiro imperador japonês. Para justificar suas pretensões sobre Kosovo, os albaneses alegam descender dos ilírios, povo da Antiguidade que vivia na área antes da chegada dos eslavos, assim como os palestinos sustentam suas reivindicações sobre a Palestina baseados em alegações de descendência dos canaanitas, que ocupavam a região antes dos judeus.

Uma árvore genealógica é um histórico de certa parte dos antepassados de um indivíduo ou família. Mais especificamente, trata-se de uma representação gráfica genealógica para mostrar as conexões familiares entre indivíduos, trazendo seus nomes e, algumas vezes, datas e lugares de nascimento, casamento e morte, além de fotos. O nome se dá pelo fato da semelhança ao ramificar das árvores, que normalmente segue a Sequência de Fibonacci. A representação da árvore de uma ascendência, também chamada árvore de costados, tende a ter um crescimento exponencial de base 2.

Uma árvore genealógica também pode representar o sentido inverso, ou seja, partindo de um antepassado comum, sendo a raiz da árvore, até todos seus descendentes colocados nas suas inúmeras ramificações, que é chamada árvore de geração.

O uso destas se faz para prova de ancestralidade, o indivíduo que constrói árvores genealógicas, quando da própria família é denominado probandus ou de cujus. É também usada na medicina, para estudo de doenças de cunho genético, tais como adicção, gota, diabetes, etc. No caso específico da representação dos descendentes diretos próximos é denominado pedigree ou linhagem, sendo que pedigree, tem por vezes denotações pejorativas.

Ao nascer, uma pessoa traz consigo características genéticas. Na maioria das vezes, os traços mais notáveis são aqueles relacionados a aspectos físicos, como fisionomia, cor dos olhos, estrutura corporal e até mesmo algumas condições de saúde. Da mesma forma, ao longo do desenvolvimento, algumas particularidades emocionais também se manifestam, como comportamento, maneira de reagir às situações e até mesmo gostos e aptidões.

Segundo a visão de Hellinger, essa conexão faz com que os familiares carreguem consigo informações vividas por outros parentes, mesmo que esses parentes já tenham morrido. Isso significa que a vivência dos nossos antepassados, bem como suas crenças, valores morais, traumas, doenças e segredos formaram uma espécie de memória que pode ser passada geneticamente para seus filhos, netos e bisnetos, influenciando a vida dos descendentes. Por

esse motivo, é possível que alguns obstáculos recorrentes, como problemas afetivos, endividamento e até mesmo uma doença sejam, na verdade, consequências de alguma situação vivida, por exemplo, pelos bisavós.

Pode ser que você esteja um pouco confuso e tentando relacionar os problemas da sua vida com atitudes dos seus parentes. Mas é importante saber que tentar identificar e resolver essa situação sem auxílio é um caminho que dificilmente leva a uma solução.

A Constelação Familiar é uma prática terapêutica utilizada para tratar questões físicas e mentais a partir da revelação das dinâmicas ocultas de uma família. Por meio da constelação familiar é possível identificar acontecimentos que, mesmo desconhecidos, podem trazer problemas para a vida de uma pessoa.

Essa prática pode ser entendida como uma terapia breve, ou seja, que não requer repetidas sessões para elucidar uma questão. Isso acontece porque a constelação familiar atua de forma energética e visa solucionar um conflito por vez. Suas dinâmicas consistem em montar o sistema familiar e entrar em contato com o campo morfogenético do sistema familiar do cliente. Esse contato possibilita identificar os motivos que possam ter ocasionado um desequilíbrio nesse sistema.

De acordo com a Associação Brasileira de Constelações Sistêmicas, a terapia de Constelação Familiar não tem o objetivo de substituir outras terapias ou se colocar acima da medicina convencional, mas sim servir de complemento e possibilitar que o indivíduo tenha conhecimento de seu sistema familiar.

Todo indivíduo por natureza tem a necessidade de pertencer. Sendo assim, ao nascer, uma pessoa precisa se sentir parte de um sistema familiar ou institucional e ter sua posição reconhecida e valorizada. "Essa premissa vale, inclusive, se algum membro da família cometeu algum ato considerado moralmente errado, como um assassinato, roubo, incesto, abuso sexual", explica Centelhas. De acordo com ele, quando isso acontece, é comum que as pessoas da família prefiram esconder e esquecer o assunto, com o objetivo de fazer com que aquele indivíduo não faça mais parte da família

O problema é que quando uma pessoa é afastada ou excluída do sistema familiar isso causa um sofrimento chamado "Dor dos Excluídos" e pode ocasionar problemas nas gerações futuras. Isso faz com que os sucessores da família reproduzam e sejam, de alguma forma, afetados por essa exclusão, sem saberem o real motivo.

Além de pertencer, cada indivíduo ocupa uma posição dentro do sistema familiar. De acordo com Hellinger essa lei precisa contemplar a hierarquia de respeitar quem veio primeiro. Logo, a Lei da Hierarquia institui que os pais têm precedência aos filhos e os relacionamentos anteriores desses pais também ocupam um lugar de respeito na história de cada cônjuge.

"É muito comum que os filhos passem a ocupar o papel dos pais dentro de uma família. Isso causa um desequilíbrio", explica Centelhas. Ele pontua que "os filhos não podem ser maiores do

que os pais. Quando isso acontece as pessoas param de ocupar os seus respectivos lugares dentro do sistema familiar". Esse tipo de desequilíbrio pode fazer com que, por exemplo, os pais naquela família manifestem um comportamento infantilizado e os filhos fiquem ansiosos, pois estão carregando uma carga emocional que não é sua.

Muitos dos desequilíbrios no sistema familiar acontecem porque não há um equilíbrio entre dar e receber dentro do sistema familiar. Esse tipo de manifestação pode acontecer, por exemplo, dentro de um relacionamento afetivo em que um dos dois se doa mais do que o outro.

Somos acostumados a acreditar que se doar por amor não traz consequências negativas. No entanto, à luz da Constelação Familiar, esse desequilíbrio pode fazer com que a pessoa que recebeu demais torne-se dependente do par, passando a ser também menos interessante como parceiro(a). Isso faz com que a pessoa que se doou demais, mas não recebeu em troca, busque outras distrações ou outros parceiros(as), ocasionando assim uma traição entre o casal.

Da mesma forma, pode acontecer de a pessoa que está recebendo demais sentir-se culpada por não conseguir retribuir o amor que está recebendo e daí ela encontra uma forma de sair daquela relação, ou então atacar a pessoa que se doou demais para fazer com que ela se sinta inferior.

Há vários tipos de psicoterapia que lidam com sistemas de pessoas, como a terapia familiar de Virginia Satir e o psicodrama de Jacob Moreno. Também é o caso das ideias do alemão Anton Suibert Hellinger – mais conhecido como Bert Hellinger –, as Constelações Familiares ou Sistêmicas. Assim como conjuntos de estrelas que formam figuras no céu, Bert fala que estamos ligados em um sistema, que seria constituído pela família e relacionamentos importantes que temos (como casamentos, atual ou anteriores).

Então, adota uma abordagem fenomenológica sistêmica: reunir as múltiplas observações sobre o comportamento de diversas pessoas, buscando similaridades e categorias comuns para formar conceitos. Bert não se atém às interpretações, mas às soluções. Por isso, ele pula os porquês, dando ênfase apenas ao modo como o caso se elucidou, preservando o fato de que cada pessoa é única e singular. Assim, investigando aquilo que se apresenta na prática, observou que padrões de comportamento se repetem nos sistemas familiares ao longo de gerações. Nesses estudos, ele chegou a 3 princípios que entremeiam nossas relações: Pertencimento, Ordem e Equilíbrio.

Quando recorrer à Constelação Sistêmica? Quando ocorrer:

- Traumas
- Depressão e Ansiedade
- Assuntos relacionados a filhos
- Situações profissionais e/ou de carreira
- Situações de sua própria empresa
- Problemas com dinheiro

- Complicações no casal
- Tomada de decisões difíceis
- Implicações emocionais de doenças
- Questões pessoais

Todos nós possuímos características e cargas emocionais que nem sempre sabemos ou compreendemos a sua origem ou o motivo que faz nos sentirmos assim. Acontece que, muitas vezes sem saber, essas nossas dificuldades são resultadas a partir de nossos sistemas familiares e é isso que a Constelação Familiar estuda.

Criada pelo psicoterapeuta alemão Bert Hellinger, a Constelação Familiar é um método psicoterapêutico que estuda os padrões de comportamento de grupos familiares através de suas gerações. Bert se deparou com esse fenômeno nos anos 70, após observar os estudos de Virginia Satir, psicoterapeuta americana, que analisava as esculturas familiares.

De acordo com Satir, quando uma pessoa “estranha” é convocada para representar uma família ou uma pessoa de grupo familiar, mesmo que não a conheça, acaba reproduzindo sintomas físicos e comportamentos similares desse grupo ou pessoa sem necessariamente saber algo a respeito dela.

Na prática, a Constelação Familiar mostra que muitos de nossos problemas, doenças, incompreensões e sentimentos ruins podem estar ligados a outros familiares que passaram por essas mesmas adversidades, mesmo que não tenhamos conhecido-os.

Todos nós somos seres relacionais e que têm a grande necessidade de pertencer a um grupo. Neste sentido, ao nascermos, precisamos nos sentir parte de um todo, ou seja, de um sistema familiar, que nos acolha e nos ofereça o afeto que precisamos, para crescer, de forma harmônica.

De acordo com Bert Hellinger, esta aceitação e acolhimento precisam acontecer independentemente de nossas ações, ou seja, independentemente se são comportamentos e atitudes boas ou ruins, o que, geralmente, acaba por não acontecer e geram os desequilíbrios que falei mais acima.

Isso quer dizer que, quando algum membro da família tem comportamentos considerados incorretos, ética e moralmente, como roubar, matar, cometer diversos outros tipos de abusos, a tendência é que os outros familiares acabem por tentar suprimir este fato, fazendo com que aquele que cometeu tais falhas seja afastado do convívio familiar, ou seja, excluído.

A questão é que quando isso acontece, acaba por gerar neste indivíduo o que a Constelação Familiar denomina de “Dor dos Excluídos”, que vai ocasionar problemas, não para ele, em si, mas para seus sucessores, para as gerações futuras da família, que são diretamente afetados pela

situação, sem conseguirem, de fato, compreender o real motivo do problema que os impacta tanto.

Hellinger escreveu um livro, que se chama “Ordens do Amor” e nele o criador da Constelação Familiar explica que, quando um membro da família sofre este processo de exclusão, suas consequências são, invariável e inconscientemente, assumidas pelos membros subsequentes da família.

Para ele, a resolução do problema se dá quando o membro excluído é reintegrado à convivência familiar, uma vez que, com isso, as injustiças cometidas passam a ser compensadas, não havendo a necessidade de ocorrerem repetições nos destinos dos próximos familiares que vierem.

CONSTELAÇÃO FAMILIAR

Constelações familiares são uma das maneiras mais efetivas para trazermos harmonia a todos nossos relacionamentos. Quando falo relacionamentos às possibilidades são infinitas: amorosos, conjugais, extraconjugais, familiares, relacionamentos com nós mesmos, com vizinhos, com dinheiro, com excesso de peso, com pouco peso, com dificuldade financeira, dificuldades com vendas de imóveis, entre outras. Através das constelações familiares, Bert Hellinger trouxe uma possibilidade de um novo olhar para tudo que nos relacionamos. Em outras palavras, as constelações nos dão uma nova maneira para olharmos para nossos desafios com tudo que nos relacionamos com uma nova possibilidade.

As constelações familiares nos dão a oportunidade de compreender os esquemas em seu nível mais profundo. Elas permitem que nos libertemos, ao mesmo tempo que encontramos a paz e a felicidade.

As ações generosas e altruístas de nossos pais e de nossos antepassados são saudáveis para nós, enquanto suas más ações modificam o campo energético familiar, obrigando as gerações posteriores a pagar o preço.

Entre as más ações estão: adquirir bens de forma duvidosa, trapacear ou roubar, pertencer a uma corporação cuja função envolve matar (como o exército, por exemplo), as diferentes formas de violência, a internação psiquiátrica ou a prisão de membros da família, os acidentes que terminam em morte, renegar sua religião ou seu país.

O comportamento dos nossos antepassados em relação às mulheres ou aos homens afeta nossa aptidão para criar bons relacionamentos. A ausência de respeito e da gratidão a que nossos antepassados têm direito também altera o campo de energia. O provérbio bíblico “até a

terceira e quarta geração” confirma-se nas constelações familiares. Pode até ser que a influência decorra daí.

Imersos no campo energético familiar, ignoramos sua influência que permanece fora da nossa consciência. Estamos presos a comportamentos e atitudes que nos derrotam e incitem a cometer atos que não compreendemos e dos quais acabamos por nos arrepender.

As constelações familiares nos ensinam que a nossa família é a nossa sina. Entretanto, não estamos irremediavelmente presos a essa sina e podemos alcançar a cura. Ao compreender os mecanismos desse processo, ficamos na posse do poder de controlar o nosso comportamento a fim de evitar sofrimento para as gerações futuras.

Durante as sessões individuais, o terapeuta ou coach tem a possibilidade de assumir o papel de todos os representantes ou de confiar essa tarefa ao cliente. Há também a utilização de pedaços de papel (âncoras espaciais) nos quais se escreve o nome de um membro da família, depois dobra-se uma extremidade em ponta para figurar a orientação do olhar do representante. Pede-se ao cliente que imagine que se trata de pessoas reais e não pedaços de papel. O cliente forma a constelação normalmente.

Ele permanece em seguida ao lado de cada pedaço de papel e faz somente o trabalho dos representantes. Se ele quiser compartilhar sua experiência, ele deixa o espaço da constelação e senta-se afastado dela. Ali, integra-se o que acabou de se passar. Esse método é muito eficaz.

Alguns profissionais consideram que não pode-se montar a constelação individual em todos os casos ou com qualquer pessoa. Pois quando um cliente está afastado de suas emoções, não pode-se pedir para ele ser representante em sua própria constelação, quer se trate de um trabalho individual ou de grupo.

Num primeiro momento, o coach ou terapeuta esclarece o problema ou a questão do cliente. São então escolhidos representantes entre os membros do grupo: a constelação é montada e se desenrola progressivamente até a sua solução, ou até o momento em que fica evidente que sua solução é impossível – que é, de certo modo, uma solução à parte. Podemos introduzir um ritual de encerramento de sessão, assim como conselhos sobre a maneira de integrar aquilo que a constelação revela.

AUTO-CONHECIMENTO

O autoconhecimento ou conhecimento de si é a investigação de si mesmo. Também pode ser um projeto ético, quando o que se busca é a realização de algo que leve o sujeito a ser mestre de si mesmo e, conseqüentemente, um ser humano melhor. O autoconhecimento pode ser obtido

através da meditação (na ioga, por exemplo), psicoterapia, fenomenologia, psicologia cognitiva, psicologia comportamental, psicanálise etc.

O conhecimento de si distingue-se do conhecimento de outras coisas (as coisas exteriores ao sujeito) por ser imediato, no sentido de não depender de evidências. Pode-se dizer que o autoconhecimento é fruto da introspecção. O sujeito tem acesso privilegiado aos próprios pensamentos, isto é, conhece os próprios pensamentos de uma maneira que os outros usualmente não conhecem. Tal acesso privilegiado é a marca da autoridade da primeira pessoa, pois usualmente o que o sujeito diz sinceramente que pensa deve ser considerado como o que ele pensa, enquanto o que uma outra pessoa diz que o sujeito pensa usualmente não é um relato que desfrute da mesma autoridade.

Filósofos como Platão, Spinoza e Freud fazem parte de uma tradição que vê o autoconhecimento como uma conquista ou realização que traz saúde e liberdade para a pessoa. Esse projeto ético tem suas raízes no dito do oráculo de Delfos que tanto influenciou Sócrates: Conhece a ti mesmo.

De acordo com essa tradição, o autoconhecimento é uma realização, ao invés de algo dado ou prontamente disponível ao sujeito. Para conhecer-se a si mesmo, o sujeito precisa refletir, e interpretar a si mesmo.

Há subdivisões dentro dessa tradição. Primeiro, há os filósofos da antiguidade que viam o autoconhecimento como algo bom por si ou por fins práticos. Segundo, autores confessionais, como Agostinho e Rousseau. Terceiro, os que veem o autoconhecimento como algo moralmente valioso, mas difícil de ser alcançado por causa da natureza infável do sujeito. Entre os defensores de tal posição, está Nietzsche, em alguns momentos. Quarto, os que veem o autoconhecimento como uma autocrítica. Tal posição é encontrada no Eclesiastes, em Spinoza, em Nietzsche, Heidegger e Sartre.

Autoconhecimento é uma palavra que se explica por si só, mas cujo processo exige uma reflexão bastante profunda.

Se alguém perguntar a você o quanto se conhece, qual seria a resposta?

A maioria das pessoas pode achar o questionamento até estranho, mas a verdade é que a prática do autoconhecimento ainda é pouco exercitada.

É quando a dificuldade e os obstáculos surgem que conseguimos ter a real noção de quem somos, a partir de nossas respostas e ações.

Algumas pessoas até se surpreendem com atitudes que tomam, e aí que surgem as famosas frases: “nossa, não sabia que eu era capaz disso” ou “nunca imaginei que pudesse fazer aquilo”. Mas não se preocupe, você não precisa esperar que os momentos desafiadores cheguem para promover o autoconhecimento.

Existem ferramentas e metodologias que trabalham justamente a partir do princípio de olhar para dentro e reconhecer a si mesmo, seus pontos fortes e vulnerabilidades.

O autoconhecimento nada mais é do que uma investigação sobre si próprio. Também pode ser um projeto ético, quando o que se busca é a realização de algo que leve o sujeito a ser mestre de si e, conseqüentemente, um ser humano melhor.

Em outras palavras, é a nossa capacidade de olhar para dentro e saber exatamente quais são as virtudes e os defeitos, as forças e as fraquezas.

Isso acontece não como quem julga, mas como quem aceita e faz o possível para se tornar melhor a cada dia.

Significa fazer um mapeamento interno completo e, a partir dele, perceber quais devem ser nossas ações e onde elas vão nos levar.

Autoconhecimento, ao fim e ao cabo, é compreender cada detalhe que se passa em nós mesmos, sejam pensamentos, emoções e mesmo anseios.

É fazer de você a sua própria bússola.

Todos têm pontos fortes e carências que ajudam a definir a sua personalidade, mas só quem se conhece verdadeiramente sabe quais são.

É impossível você se fazer valer dessas qualidades se não souber reconhecer e determinar como podem ser aplicadas da melhor maneira.

Suas forças precisam ser usadas a seu favor, de maneira que funcionem como facilitadoras para a obtenção de resultados.

E quando o assunto são as suas limitações, o autoconhecimento é ainda mais importante. Do contrário, é difícil que elas possam ser superadas em algum momento.

O autoconhecimento, segundo a psicologia, significa o conhecimento de um indivíduo sobre si mesmo. A prática de se conhecer melhor faz com que uma pessoa tenha controle sobre suas emoções, independente de serem positivas ou não.

Autoconhecimento é nada mais, nada menos que o conhecimento de si mesmo e de derivadas coisas. Ele serve para obter a capacidade de entender quem somos, e porque agimos de determinada maneira.

A importância do autoconhecimento profissional e pessoal. O autoconhecimento permite que você descubra suas qualidades, capacidades, bem como seus pontos que devem ser melhorados. Investir em autoconhecimento é designar esforços para entender a si mesmo em todos os âmbitos.

CONHECIMENTOS DA CONSTELAÇÃO FAMILIAR

A Constelação Familiar trazida por Bert Hellinger é um conhecimento que fala das relações familiares e de sua influência em nossa vida. Porém este olhar vai para além daquela influência que imaginamos vir da convivência diária.

Hellinger observou que a ligação que temos com nosso sistema familiar ultrapassa os vínculos diretos (pais e filhos). Este vínculo se estende para outras pessoas de nossa linhagem familiar, inclusive para aquelas que não tivemos convivência ou podemos nem mesmo ter ouvido falar (como um parente distante ou um tataravô, por exemplo).

O psicoterapeuta alemão também observou de forma empírica como os relacionamentos familiares estão submetidos a regras que, quando quebradas, trazem dificuldades aos integrantes do sistema familiar.

Conseguimos entender que recebemos influências parentais na nossa criação familiar. Através dela adquirimos a cultura, as regras e as ideias estabelecidas na nossa família de origem. Isto é claro e bem documentado.

Anton "Suitbert" Hellinger (Leimen, 18 de Dezembro de 1925), conhecido simplesmente como Bert Hellinger, é um psicoterapeuta alemão, inventor das Constelações familiares.

Nascido em Leimen - Alemanha, morava em Cologne - Itália, sendo parte de uma família católica. Aos 10 anos, foi seminarista em uma ordem Católica. Apesar disso, aos 17 anos se alistou no exército e combateu com os nazistas no front, sendo preso na Bélgica. Aos 20 anos, com o fim da guerra, se tornou padre. Se formou no curso de Teologia e Filosofia na Universidade de Würzburg em 1951. Foi enviado como missionário católico para a África do Sul, onde atuou como diretor de várias escolas, como o Francis College, em Marianhill. Em 1954, obteve o título de Bacharel de Artes da Universidade da África do Sul e, um ano depois, graduou-se em Educação Universitária.

No final dos anos 1960, abandonou o clero e voltou à Alemanha, onde passou a estudar Gestalt-terapia. Mudou-se para Vienna para estudar psicanálise. Ali, conheceu sua primeira esposa, Herta, uma psicoterapeuta.

Em 1973 se mudou para a Califórnia para estudar Terapia Primal com Arthur Janov. Lá, se interessou pela Análise Transacional.

Hellinger se divorciou de Herta e casou-se com Marie Sophie, com quem mantém cursos, oficinas e seminários em vários países

O que a Constelação Familiar de Hellinger traz de novo é que há uma postura interna e inconsciente conduzida pela lealdade ao nosso sistema familiar, que nos deixa disponíveis para receber influências mais profundas, presentes no inconsciente familiar.

Assim, experiências difíceis, ocorridas dentro de nossa linhagem (através dos nossos antepassados, e em especial em um intervalo de até 4 gerações) podem ser trazidas à tona novamente, através da repetição.

Repetir significa gerar uma situação em nossa vida atual que reflita os resultados de um acontecimento com algum de nossos antepassados.

Assim, pode-se experienciar o fracasso profissional caso a pessoa, na sua vida atual, esteja identificada com um avô, por exemplo, que perdeu tudo o que tinha por uma dificuldade no seu campo de trabalho.

A física e a química possuem leis para nosso espaço, a natureza e seus elementos. Também os relacionamentos humanos encontram parâmetros exigidos para seu bom funcionamento.

Então, onde houver um relacionamento humano, a lei da ordem, a lei do pertencimento e a lei do equilíbrio devem ser respeitadas. E se engana quem pensa que sua influência está somente nos relacionamentos familiares: onde houver pessoas se relacionando, estas leis atuam.

A lei da ordem fala do lugar de cada pessoa em um determinado sistema. Aqui estamos olhando para as relações familiares. Assim, um pai vem antes de um filho, assim como o avô vem antes do neto. Quando, por algum motivo, essa ordem é quebrada, o sistema e o relacionamento em questão tensionam. Esta tensão é sentida como peso e dificuldade na vida dos envolvidos.

Um exemplo de como esta lei é quebrada é quando, por exemplo, um filho se ocupa dos problemas de um – ou dos – pais. É como se ele saísse de seu lugar de pertencimento, e ocupasse através de sua preocupação, o lugar dos pais. Esse movimento é extremamente pesado para o filho e retira a força de solução de seus pais.

O pertencimento fala do direito de todos aqueles que nascem ou chegam em um determinado sistema de fazer parte dele. Assim, uma pessoa nascida em um âmbito familiar tem sua história ligada a este sistema, e nada pode desfazer este vínculo. Porém, essa lei é facilmente desrespeitada.

Um exemplo é quando algo que é considerado vergonhoso é feito por um dos integrantes do sistema familiar. O resultado muitas vezes encontrado é a exclusão deste integrante, como se ele perdesse o direito de fazer parte deste grupo por causa de seu comportamento.

Hellinger fala que mesmo que haja um consenso familiar sobre essa exclusão, a consciência familiar não permite que ela seja estabelecida. Novamente, um tensionamento surge em todos os integrantes. Isto é experimentado como dificuldades até que o pertencimento do excluído seja re-estabelecido, o que, muitas vezes acontece depois que um outro membro, talvez em gerações posteriores, comece a “repetir” o padrão daquele que foi anterior excluído.

O equilíbrio é a lei que fala das trocas nas relações humanas. Isso significa que é necessário que dentro de uma relação ambos os lados tenham a disponibilidade de dar e receber. Isto estabelece um fluxo que permite o crescimento do relacionamento.

A Constelação Familiar de Bert Hellinger observou que há um campo de informação que agrupa todo o conhecimento de experiências já vivenciados por uma linhagem familiar. O que foi bom e o que foi difícil. Esse campo de informações incide e influencia todos os integrantes do sistema.

A Constelação Familiar reconhece o indivíduo e sua responsabilidade em sua vida. Porém, há uma imagem muito forte em todos os escritos de Bert Hellinger: fazemos todos parte de um fluxo que vem de muito longe, e que deseja seguir adiante. Este é o fluxo da vida.

Obs: Lembrando que a Constelação Familiar não tem intenção de curar ou “livrar” ninguém de seus problemas ou questões, ela tem por objetivo trazer a luz ao problema, e permitir que o constelado pense a respeito e tome as decisões que melhor lhe convirem a partir deste processo.

As constelações familiares se referem de uma nova maneira àquilo que chamamos de "alma". Podemos denominar assim a força invisível que animando (ou pelo menos no mundo animado; congrega partes num todo de uma tal maneira que o todo é mais do que a soma das partes e de suas funções dentro dele. A alma não se identifica com nossa consciência, pois inclui o inconsciente. E não se identifica com os processos fisiológicos e físicos em nosso corpo e em nosso cérebro, embora esteja inseparavelmente unida a eles. Não se identifica tampouco com nossos sentimentos, embora o sentir seja o modo de expressão por onde se experimenta a alma.

Ultrapassando espaço e tempo, tudo o que constitui uma pessoa, criando uma identidade. A abordagem típica da ciência natural atual, que busca o que "não difere", a saber, as partes e partículas e suas mútuas conexões, exclui por seu próprio método a possibilidade de descobrir uma alma. Porém nossa experiência quotidiana se dirige ao que é "mais do que". Não há conversa, nem arte, nem política, nem vida de relacionamento sem participação da alma. Como a experiência psíquica não pode ser reduzida ao que material e quantificável, a língua desenvolveu "palavras da alma" como liberdade, paciência, espírito, coragem, amor, etc. O que entendemos por "amor" não pode ser adequadamente entendido a partir de genes ou de funções do cérebro.

Sabemos que para falar dos domínios da alma dependemos de imagens, metáforas, imprecisões, vivências, experiências, intuições perceptivas, bem como da função anímica da avaliação sensitiva e de coisas semelhantes. Por mais que as ciências da natureza nos ajudem com seus conhecimentos e nos obriguem, por exemplo, a repensar nossa liberdade de decisão, a ocupação com a alma, que ultrapassa o âmbito da experiência da vida, pertence mais às ciências do espírito ou à psicologia como ciência do espírito.

O trabalho com as constelações familiares se apresenta no concerto da teoria e da prática psicológica modernas de um modo amplo e desafiador, descortinando a alma redescoberta e suas leis.

Entre os consteladores também existem divergências sobre a conveniência e a medida em que se falar de alma. Para alguns isso envolve uma carga excessivamente mística ou religiosa. Outros não partilham essas restrições. Pois diariamente, ao abrirmos um jornal ou revista, lemos em diversos artigos, seja na política, na economia ou na parte esportiva a palavra "alma" num contexto imediatamente inteligível para cada caso. Por exemplo, em manchete: "O templo de Ankor e a alma ferida do Camboja: em busca de nossa identidade".

Quando se fala de "alma", seja no trabalho com as constelações, seja de modo geral na psicoterapia ou na vida quotidiana, isso não acontece com ânimo anti-científico. Um consultor familiar não pode esperar que a ciência natural lhe forneça dados e métodos exatos, cientificamente comprovados e universalmente reconhecidos, para a solução de conflitos conjugais. Ele trabalha de uma forma mais ampla, orientado por vivências e pelas "regras da alma". Uma das realizações de Bert Hellinger é ter condensado e desenvolvido um modelo preexistente de constelações familiares, reduzindo ao essencial, de uma forma experimentável, os processos anímicos e os complexos contextos de relações, e abrindo o acesso a mudanças profundas na alma. Quem se disponha a nisso pode comprová-lo pela própria prática do próprio Bert Hellinger, amplamente documentada, e de milhares de consultores e terapeutas.

Uma constelação se compõe de imagens. Os sistemas, na medida em que não podem ser descritos de um modo causal, só podem ser expressos por meio de imagens, linguagem imaginativa e histórias. Através de uma imagem, um grande número de informações e de processos pode ser percebida simultaneamente e como um todo. Desta maneira procedemos constantemente de forma sistêmica em nossa percepção. Dificilmente um método terapêutico utilizará isso de uma forma processual e mais concentrada do que as constelações familiares.

As frases de ligação e solução, às vezes ritualizadas, atuam igualmente associadas a imagens. Uma constatação ou descrição causal obtida a partir do que acontece numa constelação serve para trazer à luz uma 'verdade', mas não é essa verdade. Observações gerais de consteladores, por exemplo, sobre anorexia, câncer ou psicoses, não são modelos causais de explicação - mesmo quando são apresentadas como tais -, mas indicações, adquiridas por experiência, destinadas a instigar no cliente uma atitude de busca que o leve adiante e faça descobrir. Uma - impossível - dissolução do que acontece na constelação em passos individuais de causação linear atuaria justamente como obstáculo para a sua eficácia.

As constelações, pelo menos de consteladores experimentados, estão se tornando cada vez menos faladas e comentadas, e confiam cada vez mais no que as pessoas podem ver. Portanto, a dinâmica sistêmica não é ocultada, soterrada ou coarctada pelas palavras. A evidência sistêmica se introduz na alma do cliente e pode "vibrar em uníssono" no constelador e nos participantes do grupo, justamente porque não é fragmentada em observações individuais e em argumentos "compreensíveis" que seriam - justamente - passíveis de crítica.

O que significa "verdade" numa constelação? Seria uma grande incompreensão do que acontece nela tomá-la como concordância entre a realidade objetiva e o conhecimento, ou como sua expressão em linguagem. A verdade nas constelações é antes comparável à verdade de uma

peça teatral. Ela se faz presente, de forma algo condensada, na imagem e na linguagem, permitindo que venha à luz a realidade oculta. As constelações não são uma reprodução da realidade de um relacionamento. Elas des-velam uma realidade, no sentido do conceito grego de verdade (a-létheia). Esta é também a essência da arte. E, como muitas formas de terapia ou de aconselhamento, as constelações dão muitas vezes um passo além disso. Elas ajudam a assumir a realidade, tal como ela se apresenta e atua, e a preenchê-la com amor.

As relações não se configuram de um modo caótico e arbitrário, mesmo quando às vezes são experimentadas dessa forma. Como toda realidade, elas se subordinam a determinadas ordens. Isto é indiscutível. A questão está em saber como se originam essas ordens e se podem ser reconhecidas. Frequentemente Bert Hellinger e outros consteladores são acusados de declarar universalmente válidas e tentar impor ordens arcaicas, culturalmente condicionadas e há muito ultrapassadas.

As ordens do amor contribuem para o sucesso dos relacionamentos. Elas são geralmente imediatamente compreensíveis e fundam numa base confiável as relações entre pais e filhos, homem e mulher, e dentro do clã familiar. Aqui as constelações familiares realmente proporcionam ajuda e orientação. O grande interesse delas se prende à capacidade de solucionar que possuem as "ordens do amor". Muitas oposições contra essas ordens se relacionam menos à emancipação cultural e pessoal do que a outros contextos, muitas vezes inconscientes.

As "ordens do amor" representam talvez uma transposição do pensamento e da ação ecológica para o domínio das relações. Elas também nos permitem levar em conta em nossos relacionamentos os efeitos de longo prazo que nosso comportamento produz nas gerações subsequentes. Como podemos estruturar nossas relações, de modo que nossos filhos e os filhos de nossos filhos não precisem pagar o seu preço? Mesmo em nossa época, com toda a aparente amizade pelos filhos, temos a tendência de sacrificá-los não só por necessidade, mas também por vergonha, medo, interesse próprio e falsa autonomia e emancipação.

A compreensão de nosso destino e o assentimento a ele estão no cerne do trabalho das constelações. Chamamos de destino as forças que, vindas do passado, nos ligam inelutavelmente ao efeito bom ou funesto de certos eventos. O efeito dos acontecimentos nos é imposto, quer o queiramos ou não, e não temos a possibilidade de interferir nele. A força do destino se revela, em relação a acontecimentos traumáticos numa família, de uma forma às vezes inquietante. Nas constelações experimentamos constantemente, e de modo impressionante, que somos muito pouco livres e reeditamos em própria vida, sem o saber nem querer, destinos passados e acontecimentos dolorosos, numa espécie de compulsão repetitiva. O efeito maior das constelações consiste em nos fazer perceber como, sem necessidades próprias, revivemos necessidades passadas e não aquietadas de outras pessoas, como se o que passou tivesse de ficar em paz e se tornar definitivamente passado. Este é o pão habitual do trabalho com constelações.

Muitas pessoas sentem instintivamente como um processo benéfico a reverência diante do destino ou diante de pessoas a que somos ligados pelo destino. Uma reverência autêntica é

quase sempre experimentada por nós como solução e liberação. Quem precisa se curvar não é a criança pequena, mas o adulto. E a reverência abarca vários processos: o ato de curvar-se, o deixar que algo morra, e o ato de erguer-se. Bem longe de ser um processo humilhante, a reverência exige coragem. Ela proporciona força, alívio da respiração e abertura de espaço.

O destino, como força que inelutavelmente dispõe, não faz caso de nossa vontade: ele a toma de roldão, sem esperar o nosso consentimento. O destino não é uma pessoa, embora freqüentemente seja representado por uma pessoa nas constelações. É um acontecimento direcionado a partir do passado, um movimento que nos liga, através da alma, à realidade maior.

A constelação familiar mostra os caminhos para uma compensação positiva em vez de uma compensação funesta. Ela fornece indicações sobre o que ordena as relações, tanto para o mal quanto para o bem. Ela faz confrontar, às vezes duramente, com a realidade, mas não diz o que a pessoa deve fazer ou deixar, ou como será seu futuro. Nesse particular, ela deixa a pessoa que busca auxílio sozinha, ou no círculo de sua família e de outras relações existenciais. Isso muitas vezes parece ser chocante para as pessoas no exterior, se bem que muitos clientes experimentem justamente essa atitude como confiável, aliviadora e fortalecedora, pois com ela são tomados a sério e se sentem livres.

A constelação de sistemas sociais estabeleceu-se em numerosos países, no decurso dos anos 90, como um método de aconselhamento e terapia em muitas áreas, tais como escolas, presídios e na consultoria política e organizacional, e encontra-se em permanente expansão. Se abstrairmos de sua introdução em clínicas psicossomáticas, essa abordagem continua praticamente desconhecida, e menos ainda aplicada, nas áreas da medicina somática e da psiquiatria. Nesses domínios a prática da constelação familiar é vista, no máximo, como um método de medicina alternativa, ao lado da homeopatia, da tradicional medicina chinesa e da acupuntura. No campo das curas alternativas, os profissionais da medicina tendem a incluí-la entre as práticas periféricas de caráter exótico ou mesmo esotérico.

Bert Hellinger que, nos anos 80, inspirando-se em métodos preexistentes de visualização espacial, tais como a family sculpting (escultura familiar), estabeleceu as bases dos padrões e estruturas de relacionamento consistentes e existencialmente relevantes, bem como um método de trabalhar com constelações visando modificar esses padrões, logo se interessou por esse setor de aplicação da constelação familiar. Em seu trabalho ele chegou a compreensões absolutamente novas no tocante aos fatores contextuais e condicionantes de doenças, às diversas dinâmicas familiares que atravessam gerações, e ao enredamento de pessoas em destinos alheios, limitando suas possibilidades de vida e contribuindo para manter os seus sintomas. Seus procedimentos novos e altamente eficazes foram descritos em documentos como *Wo Schicksal wirkt und Demut heilt* (Quando o destino atua e a humildade cura), *Was in Familien krank macht und heilt* (O que faz adoecer nas famílias e o que cura), *Schicksalsbindungen bei Krebs* (Laços do destino no câncer), *Die größere Kraft* (A força maior), *Liebe am Abgrund* (O amor à beira do abismo), *In der Seele an die Liebe rühren* (Tocar o amor na alma) etc. Desde então, muitos outros autores deram importantes contribuições à prática de constelações em casos de doenças.

Na psicoterapia sempre se soube que vivências pessoais traumáticas podem acarretar duradouras perturbações físicas e psíquicas quando, por motivo de sobrecarga atual, são reprimidas e excluídas. A superação desses sintomas torna-se possível quando são readmitidos e reintegrados os aspectos até então dissociados. Além disso, as constelações familiares nos mostram como os traumas dos antepassados a que nos vinculamos pelo destino continuam a atuar através de gerações e influenciam a vida dos descendentes. Precursoras para o desenvolvimento das constelações familiares foram as intuições de Bert Hellinger sobre as formas de atuação da consciência moral e sobre o que envolve alguém, dentro de uma família ou mesmo fora dela, no destino de outra pessoa, assim como sua permanente observação e o êxito que obteve na tentativa de desenvolver meios para dissolver esses envolvimentos.

O método ideal para mostrar os efeitos transgeracionais dessa consciência coletiva oculta é a constelação familiar. O modo mais efetivo de realizá-la é em seminários de vários dias, onde cada participante tem a possibilidade de escolher, entre as pessoas do grupo, representantes para si e para membros de sua família. O paciente “constela” esses representantes em suas relações recíprocas, de acordo com a imagem interior que ele faz dos membros de sua família. O fenômeno surpreendente, e até agora inexplicável, é que os representantes, uma vez posicionados pelo paciente devidamente centrado, são tomados por um movimento e imediatamente passam a sentir-se como as pessoas reais que representam, manifestando sentimentos delas e por vezes exibindo sintomas físicos semelhantes, quer estejam representando pessoas vivas ou já falecidas. A partir do modo como os representantes se inter-relacionam, dos seus sentimentos e expressões e dos impulsos que manifestam, o “constelador” e o paciente reconhecem os acontecimentos relevantes da história familiar e as dinâmicas que atuam nessa família e que podem estar em conexão com a doença e os sintomas do paciente.

PENSAMENTOS ORIENTADORES

As experiências e vivências traumáticas nas famílias causam medo a todos os seus membros através de gerações e provocam separações entre filhos e pais, entre gerações antecedentes e subsequentes.

O exemplo de constelação apresentado a seguir mostra como estamos vinculados à história de nossa família e não conseguimos livrar-nos dela. Ela nos pertence, é uma parte de nós e marca nossa personalidade, com todas as forças e fraquezas que temos.

A partir da conexão com a família e com os antepassados, o paciente adquire a força para encarar o que pesa nele e, em seguida, também para defrontar-se com a sua doença.

Não temos escolha no que toca a nossos pais e à história da família a que somos vinculados, e também estamos subordinados às forças ordenadoras da consciência coletiva desse sistema.

Contudo, por meio da atitude que adotamos diante das pessoas que nos pertencem, em face de sua vida e de seu destino, temos uma influência sobre a medida em que permanecemos presos nesses laços ou então vinculados a eles de modo positivo, livres, dentro de nossas possibilidades e, num grau maior, auto-determinados. Seguramente cada indivíduo recebeu algo de seus pais e também sente que algo lhe falta da parte deles. Entretanto, está ao alcance de cada um aquilo a que pode conectar-se. Quando ele consegue olhar para o que recebeu, sente que recebeu uma dívida e que depois também terá algo para dar. Enquanto permanece reivindicando e fixado no que deixou de receber, provavelmente se sente enganado pela vida e pelos pais. Então sente-se mal e carente, e posteriormente não estará disposto ou não terá condições para doar. Essa atitude leva muitos à depressão. Estar em sintonia com os pais significa assumir o que se recebeu e renunciar ao que não se pôde receber. Isso é uma autêntica renúncia, pois ninguém pode substituir os pais. O pai não pode substituir a mãe, a mãe não pode substituir o pai, os pais adotivos ou de criação não podem substituir os pais biológicos. Nem mesmo os companheiros de vida podem preencher essas necessidades, e muitos filhos sofrem com as projeções inconscientes de seus pais quando são forçados a substituí-los (parentificação).

No contexto do trabalho com constelações numa clínica para doentes psicossomáticos, fui ainda procurado por outros pacientes que sofriam da distrofia de Sudeck. Como me disse um médico ali atuante, na anamnese de suas famílias revela-se frequentemente uma separação prematura dos pais, geralmente logo depois do nascimento. O trabalho da constelação com esses pacientes também se caracterizou pela tomada de contato de cada um com suas próprias forças e possibilidades, assumindo a responsabilidade por si mesmo e abandonando atitudes de queixa.

As constelações sistêmicas mostram claramente que muitos problemas, principalmente quando têm relação com a saúde, podem estar associados à exclusão de uma ou de várias pessoas, ou a acontecimentos relevantes na história da família. Por trás de uma exclusão consciente ou inconsciente existe, via de regra, uma sobrecarga emocional proveniente de uma experiência traumática ou uma decepção dolorosa. Na sobrecarga emocional, a exclusão é inicialmente um recurso para se preservar a vida. Frequentemente esse mecanismo passa a constituir um padrão condicionado e persiste sob a forma de projeções inconscientes sobre outras pessoas. Muitas dessas experiências dolorosas primárias levam mais tarde a julgamentos negativos, recriminações e cobranças. Todas elas atuam nos relacionamentos, separando ou ligando, e muitas vezes é por intermédio de uma doença que a pessoa envolvida é levada posteriormente a refletir e a mudar.

Do ponto de vista da fisiologia do desenvolvimento, a vinculação da criança aos pais, especialmente à mãe, serve para dar segurança à vida. Devemos principalmente ao psicólogo inglês John Bowlby a pesquisa sobre o comportamento vinculado do ser humano e sua influência no seu desenvolvimento psíquico. Suas observações e conhecimentos vêm merecendo uma crescente atenção na psicologia e na psicoterapia, e também o trabalho com as constelações atesta a importância e a atualidade de suas considerações. As constelações sistêmicas com doentes apontam para os efeitos emocionais dos distúrbios de relacionamento e perda de vinculação da criança na primeira infância, assim como sinalizam também para os seus efeitos no nível corporal.

A relação fundamental da criança é com sua mãe. Por essa razão, a perda da mãe ou uma separação prematura provoca na criança uma insegurança mais grave, quanto à sua vinculação, do que aquela que é motivada pela perda do pai ou de outras pessoas importantes de seu relacionamento.

O trabalho das constelações revela com muita frequência como as crianças buscam inconscientemente satisfazer seu anseio de proximidade com um dos pais, tornando-se semelhantes a ele com uma temerária lealdade. Isso acontece geralmente no tocante a comportamentos e reações com que o outro progenitor não simpatiza ou que até mesmo condena. Todas as crianças amam o pai e a mãe, seja como for que eles sejam ou tenham sido.

O recurso mais simples e sempre disponível é o tempo. Um procedimento cuja velocidade e ritmo se harmonizem com a capacidade do paciente para integrar as intervenções e os acontecimentos da constelação pode impedir uma reativação do trauma. Quando se manifestam sintomas de traumas, como respiração curta e leve, suor frio e tremor muscular, uma medida inicial possível é a desaceleração do processo terapêutico e dos acontecimentos na constelação para fazer face à dê-s-regulação.

As constelações revelam igualmente que as exclusões de membros do sistema atual e suas consequências também estão associadas a processos de doenças. Denomina-se aqui como sistema atual o grupo de pessoas que abrange todas as ligações relevantes de uma pessoa e os filhos nelas gerados, bem como as crianças acolhidas ou adotadas, juntamente com seus pais, os filhos que nasceram mortos ou foram deliberadamente abortados e também, às vezes, os espontaneamente abortados.

As constelações sistêmicas com doentes sugerem que um homem não fica seriamente doente por causa de uma mulher e, inversamente, uma mulher não adoece por causa de um homem. Na maioria dos casos são os “filhos” que, por amor a seus pais ou antepassados, ficam doentes. Profundamente carentes de proximidade, eles querem inconscientemente segui-los na morte, carregar algo por eles ou mesmo morrer em seu lugar. Eles também podem identificar-se inconscientemente com pessoas a quem seus pais se ligam mais fortemente ou a quem permitem uma proximidade maior. Não obstante, as doenças e os sintomas têm sempre um papel significativo nas relações conjugais e podem cumprir importantes funções. Como proteção contra uma proximidade excessiva ou como reconhecimento de ligações com parceiros anteriores ou com os pais, as doenças e os sintomas ajudam a regular e a calibrar a necessidade de distanciamento nas relações.

Quando numa relação conjugal, em virtude de outras ligações, surge um desequilíbrio na disponibilidade recíproca dos parceiros, algumas vezes um dos filhos se envolve numa relação incestuosa que pode levar à formação de um sintoma. Os seguintes exemplos de casos demonstram isso. Com os seus sintomas, as crianças sinalizam também, indiretamente, para o domínio dos temas relevantes na família.

Uma necessidade de compensação no destino manifesta-se também em pessoas que sobreviveram a guerras, catástrofes naturais ou acidentes, pelo fato de terem sobrevivido enquanto outros morreram, ou por julgarem que não fizeram o bastante para salvá-los. As consequências anímicas e psicossomáticas da chamada síndrome de sobrevivência, tais como depressões, estados de angústia, distúrbios de concentração e memória, dores de cabeça crônicas, falta de sono, etc., são suficientemente conhecidas pela medicina psicossomática. Menos conscientes são os vínculos de destino que atuam por várias gerações, em conexão com quadros crônicos de doenças e sintomas nas gerações dos filhos e dos netos, em decorrência da exclusão de acontecimentos traumáticos e de pessoas que pereceram ou foram prejudicadas por causa deles.

Todo trabalho terapêutico tem por objetivo a reconciliação e a integração de temas e pessoas que foram excluídos. Devido ao medo de deixar de pertencer à nossa família, tendemos a rejeitar ou a excluir de nós muitas coisas que no fundo da alma sabemos que nos pertencem, por exemplo, alguma culpa pessoal por acidentes de automóvel ou por comportamentos desconsiderados e desrespeitosos.

Teólogo e filósofo por formação, Bert Hellinger foi padre por 20 anos e missionário na África, onde conviveu com o povo zulu. Foi lá que começou a perceber as dinâmicas ocultas que governam os clãs, os grupos, as famílias. Depois de renunciar ao sacerdócio, Hellinger estudou Psicanálise, Gestalt-Terapia, Análise Transacional e começou a trabalhar com terapia familiar. Ao longo das últimas décadas vem desenvolvendo e aplicando em todo o mundo uma nova técnica dentro da Psicoterapia Sistêmica, a constelação familiar. Figura controversa, Hellinger não é dado a muitas explicações racionais sobre a ferramenta que criou, embora novas teorias da Biologia e da Física deem embasamento ao seu trabalho. Sua abordagem é empírica, lastreada pelos fenômenos observados na prática terapêutica e nos resultados de seu método.

Uma outra forma de entender este campo é imaginá-lo como o rio da vida, onde nossos antepassados choraram, e lá caíram suas lágrimas. Trabalharam, e deixaram cair seu suor. Morreram, e seu sangue foi derramado nesse leito. Nós nascemos dentro desse rio também e, querendo ou não, tendo conhecimento ou não, acreditando ou não, somos influenciados positivamente e negativamente por essas águas, por toda essa ancestralidade. Hellinger fala da influência de até 21 gerações.

As constelações familiares podem ser feitas individualmente, com o auxílio de objetos que representem os membros da família, ou em grupo. As sessões feitas dessa última forma são muito ricas e costumam promover uma catarse maior, o que, ao meu ver, torna a experiência mais potente em todos sentidos. A ideia é recriar o campo familiar com a ajuda de pessoas que representem os membros que têm relação com a questão que está sendo trabalhada naquele momento.

Os efeitos de uma constelação familiar podem ser imediatos ou não. Costumam reverberar até dois anos. Todos os membros podem ser afetados positivamente, dependendo do seu nível de abertura. “Com a constelação, imprimimos uma nova informação na biblioteca virtual daquela

família. Uma impressão harmonizada que permitirá o fluxo desimpedido do amor, relações mais saudáveis e destinos mais felizes”.

Segundo as observações de Hellinger, inconscientemente, nós honramos o destinos de nossos antepassados de forma negativa, muitas das vezes. Por exemplo, uma pessoa que vem de uma família pobre, mas tem muito potencial para enriquecer. Ela pode se sabotar ao ponto de nunca se permitir receber e reter dinheiro, ou mesmo ganhá-lo e encontrar formas de perdê-lo. Por amor, ela não quer ser diferente ou superior aos seus familiares. Ela deseja continuar pertencendo.

Para que uma constelação familiar seja bem sucedida, é preciso que haja uma necessidade cuja força sustente o trabalho e conduza o cliente, o terapeuta e os representantes. Ajuda muito quando tal necessidade é claramente formulada. Um problema solúvel geralmente se distingue de um problema insolúvel, na medida em que pode ser expressa numa frase e entendido por todos. A intenção do cliente deve ser formulada com abertura, tanto em relação ao problema ou à necessidade sentida quanto à sua solução, sem apresentação de justificativas para o problema ou de condições para o que possa surgir como solução. Um desejo claro e poderoso pode ser expresso ao terapeuta com o olhar franco, enquanto que um olhar que se desvia para o chão freqüentemente se associa à imprecisão nos sentimentos e na descrição do problema.

Para conduzir uma constelação familiar poucas informações são necessárias. O que se requer são os acontecimentos e destinos numa família, não a caracterização de pessoas ou a descrição de vivências pessoais - se bem que uma vivência, narrada em poucas palavras, possa eventualmente abrir caminho para o conhecimento de um importante acontecimento familiar. A maneira como alguém se apresenta e comporta é menos significativa do que os acontecimentos essenciais de sua vida e de seu destino e o fato de ser simplesmente mãe ou pai, embora às vezes a aparência e o comportamento estejam associados ao destino pessoal. A constelação familiar é um método terapêutico que visa descobrir os efeitos de acontecimentos e de destinos.

Crítérios para o trabalho sistêmico são, por exemplo:

- ✓ a pessoa se experimenta como se fosse teleguiada, e de algum modo não está presente a si mesma;
- ✓ não conhece e não encontra seu lugar na vida;
- ✓ ao apresentar-se, dá a impressão de estar meio ofuscada, inapropriada, contraditória ou enredada;
- ✓ dá a impressão de estar presa ao problema e de ter permanecido magicamente num cego amor infantil;
- ✓ existem na pessoa ou em sua família destinos pesados como mortes prematuras, suicídios, acidentes freqüentes, psicoses, etc.,
- ✓ a pessoa coloca em risco, leviana ou compulsivamente, o sucesso de sua vida;

- ✓ há um grave desequilíbrio em seus relacionamentos, brigas sérias, faltas de consideração e de reconciliação, conflitos de consciência, sentimentos de culpa, sentimentos de vítima ou medo compulsivo de fazer algo funesto;
- ✓ faltam pessoas no sistema, por exemplo, algum filho extraconjugal do pai;
- ✓ pessoas do sistema não são levadas em consideração, por exemplo, natimortos;
- ✓ silencia-se sobre o destino das pessoas, dizendo-se, por exemplo, que um avô morreu de infarto, quando na verdade suicidou-se.

As informações recolhidas para a constelação familiar visam responder às seguintes perguntas:

- ✓ quem falta e precisa ser acolhido, para que algo se resolva no sistema;
- ✓ quem está sendo atraído para fora de um sistema, e para onde está sendo atraído;
- ✓ de quem quer afastar-se ou em lugar de quem deseja partir;
- ✓ quem é preciso deixar partir, para que os outros do sistema possam ficar;
- ✓ quem talvez possa deter a dinâmica de partir e morrer, caso seja considerado e seu amor seja recebido;
- ✓ que destino pressiona para ser repetido através de uma compensação funesta, de modo que uma pessoa só se sente ligada a outra se não estiver melhor do que ela;
- ✓ que destino pressiona para ser repetido porque foi encoberto e deseja vir à luz ou não foi honrado e quer ser reconhecido;
- ✓ quem foi, através de seu destino, arrancado da vida de forma a parecer "incompleto", e talvez precise ser consumado através de outros;
- ✓ que pessoas, vivas ou mortas, não puderam despedir-se,
- ✓ que vítima não foi vista e reconhecida, e pressiona para que um pósteros se assemelhe a ela;
- ✓ que perpetrador não foi visto e reconhecido por seu ato funesto, de forma que um outro deseja segui-lo cometendo um ato semelhante;
- ✓ se foi perturbada a ordem num sistema, por exemplo, a hierarquia dos irmãos, ou se não foi assegurada a precedência de um novo sistema, por exemplo, a da família atual sobre a família de origem, ou a do segundo casamento sobre o primeiro;
- ✓ se as relações numa família não são confiáveis porque, por exemplo, filhos pressionam por assumir papéis dos pais ou vice-versa, ou porque os filhos querem fazer algo de inapropriado por seus pais, ou porque os pais não preservam a segurança dos filhos.

Naturalmente, é preciso saber inicialmente quem pertence a um sistema e eventualmente poderá ser incluído em sua representação. As informações restantes podem se: recolhidas de acordo com a dinâmica que se manifesta durante o processo da constelação.

Para um esclarecimento talvez necessário: família de origem é a família onde alguém é filho, e família atual é aquela onde alguém é marido ou mulher, pai ou mãe.

Lei do Pertencimento:

Temos a necessidade básica de pertencer à nossa família e esse vínculo é nosso desejo mais profundo.

Essa lei é desrespeitada em casos de exclusão, isto é, quando alguém é excluído de uma família por alguma razão, ou algum acontecimento é silenciado e tido como um tabu naquele grupo.

Quando isso acontece sem explicações, a sintonia de uma família é abalada e é preciso reconhecer essas pessoas ou fatos para restabelecê-la.

Lei da Ordem:

Para que uma relação familiar tenha boa fluidez, é preciso entender e respeitar a hierarquia das gerações, respeitando a ordem dos que vieram antes.

Lei do Equilíbrio:

Para Hellinger, o equilíbrio entre o crédito e o débito é fundamental para estabelecer relações saudáveis. Para isso, devemos equilibrar a dose entre o que se dá e o que se recebe para estabelecer a paz nos relacionamentos.

O principal objetivo da constelação familiar é trazer a consciência às influências que temos em nossas relações familiares. Nessa terapia, é possível descobrir problemas, hábitos e interferências em nossas vidas de até sete gerações anteriores, que atuam em níveis que nem sequer imaginamos.

Por exemplo, por trás de um insucesso profissional, pode haver uma relação familiar conturbada que nosso consciente é incapaz de identificar. Ou talvez algum hábito que nos prejudique, mas que repetimos ao longo dos anos porque fomos ensinadas assim.

Uma breve ilustração disso é a metáfora de que um casal, onde os dois fazem uma mesma coisa de maneiras distintas, como preparar uma receita. A explicação é de que foram ensinados assim pelos pais, que por sua vez, foram ensinados assim por seus. E no final, a moral da história é que não há certo nem errado na maneira em que cada um cozinha, mas sim, hábitos que são replicados de geração para geração sem qualquer razão específica.

Muitas pessoas desejam ser amadas, respeitadas, reconhecidas e aceitas. Então, dão demais. Entretanto, sem perceber, causam incômodos ao outro e o reconhecimento desejado não acontece. E, ainda por cima, taxam aquele que não reconheceu seu valor como ingrato sem, contudo, observar seus próprios excessos. Esse exemplo pode servir para relações interpessoais, conjugais e/ou profissionais

Imaginemos uma relação conjugal, na qual o marido é muito mais investido do que sua esposa. Ele oferece o mundo e ela não corresponde. Esse casamento, provavelmente, não terá futuro, uma vez que, pela sua incapacidade de oferecer e por estar recebendo muito, a esposa tenderá a se sentir culpada e a se afastar do marido. Este, então, ficará completamente confuso pois entende que não haveria motivo para a ruptura da relação. Nesse caso, quem deu demais sente-se no direito de cobrar e quem recebeu demais, sente-se na dívida e tem dificuldade de permanecer na relação.

A Hierarquia diz respeito a quem chegou primeiro na família. Portanto, os mais velhos (bisavós, avós, pais) devem ser olhados com muito respeito e cuidado, pois foi através deles que a família veio se mantendo. A ordem de nascimento também é importante. Muitas vezes vemos o filho caçula desrespeitando seus irmãos mais velhos e tomando decisões que seriam da alçada dos mesmos. Igualmente os filhos, em sua arrogância infantil, quando sentem-se mais sábios e poderosos do que os pais, passam a se arrastar pela vida, como se carregassem um fardo que os tivesse impedindo de caminhar livremente. No trabalho, o funcionário recém-admitido, ainda que muito gabaritado, deverá honrar aqueles que já estão na empresa há mais tempo, sob pena de gerar rejeição por parte dos colegas. Da mesma forma, o fundador de uma empresa não pode ser esquecido: tem que ser honrado e lembrado sempre como sendo a pedra fundamental do lugar, que não teria nascido se não fosse seu caráter empreendedor.

O mesmo acontece quando não aceitamos nossos pais como eles são. Eles chegaram primeiro e merecem ser respeitados. Quando queremos modificá-los, perdemos força na vida.

Individualmente e em consultório, o cliente traz um tema pessoal, no qual o constelador se utiliza de bonecos ou âncoras de solo, para representar papéis da situação em questão.

A Constelação Familiar é um método de diagnóstico a partir da imagem interna que o cliente trás e que é exposta no campo de trabalho. Significa trazer um tema pessoal – bem específico – para trabalhar (dificuldades em relacionamentos interpessoais – amorosos, profissionais – desequilíbrios emocionais, medos, separações, doenças crônicas, problemas financeiros, falência, dificuldades com mudanças, repetições de padrões etc.

O Novo Código de Processo Civil instituiu a obrigatoriedade da conciliação e da mediação nos processos judiciais. Com a edição da Resolução 125/10 da CNJ, no entanto, outros métodos considerados como auto compositivos também passaram a ser adotados pelo Judiciário. Um exemplo disso é o uso da teoria das constelações familiares na aplicação do Direito por mais de 13 tribunais.

A teoria das constelações familiares foi criada por Bert Helliger. O principal objetivo da aplicação das constelações familiares é diagnosticar a razão de um conflito com base no sistema de relações. A análise proposta pela constelação familiar visa ir além da observação do indivíduo e suas ações. Ela pretende identificar padrões que são repetidos pela família e vão passando de geração para geração.

No âmbito judicial, muitas vezes, uma sentença serve para pôr fim ao processo, mas não ao conflito. Isso faz com que novos problemas voltem a acontecer.

Com a constelação familiar, os indivíduos envolvidos no conflito conseguem tomar consciência dos motivos que os fazem agir dessa forma. Assim, uma vez que reconhecem esses padrões, sabem como reagir de forma distinta.

O Direito Sistêmico não é uma área independente do Direito. Trata-se de uma nova abordagem que analisa a aplicação das leis sistêmicas em todas as áreas do Direito. A proposta do Direito Sistêmico é justamente integrar a prática do Direito com a conciliação profunda envolvendo as partes. Compreendendo os fatores que transcendem as relações entre as partes, é possível buscar uma solução mais efetiva para os conflitos.

No Judiciário, a metodologia do Direito Sistêmico e da aplicação da teoria das constelações familiares vem sendo cada vez mais utilizada.

A técnica pode ser amplamente aplicada para a composição de acordos e contratos, evitando não apenas a lide, como também problemas no futuro.

A aplicação de novas técnicas é uma tendência e também uma necessidade no Direito. Diante das novas dinâmicas sociais, é necessário repensar novas alternativas que possam oferecer soluções realmente efetivas e duradouras.